

Gangsterismo Político: Arma da Traição ao Brasil

- MAC, IBAD, IPES, ADP, ALEF são os instrumentos do «poder econômico» contra os interesses do povo
- Bilhões de cruzeiros para o suborno e o monopólio da propaganda em todo o país
- Agências de publicidade e a Embaixada dos EUA comandam a chantagem no terreno da imprensa
- Pistoleiros do MAC invadem as sacristias e ensinam o fascismo às «senhoras de caridade»
- Desmascarar corajosamente os entreguistas (Juraci, Amaral Neto, etc.) é dever de todos os patriotas

Texto na 8ª página

Remessa de Lucros: Câmara Diz Que Sim, Banque Diz Que Não

- Projeto de remessa de lucros aprovado pela Câmara é um passo à frente
- Mr. Theodore Mescoso pressiona abertamente contra sanção da lei
- Acôrdo para Garantia de Investimentos arquivado a soberania nacional
- Americanos confirmam: Aliança para o Progresso é dos monopólios ianques
- Imprensa dos trustes faz campanha em defesa do capital estrangeiro
- Intervenção vergonhosa do agente imperialista

Veja matérias na 3ª página

PROGRAMA DE LUTA DOS TRABALHADORES BRASILEIROS

- 1) Contra o Imperialismo
- 2) Contra o Latifúndio
- 3) Contra a Conciliação

NOVOS RUMOS

- IV Encontro Sindical pronuncia-se por governo nacionalista e democrático
- Ação para baixar a carestia
- Aumento de salários para enfrentar a fome
- Defesa das liberdades e direito de greve
- Unidade das forças democráticas e nacionalistas
- Congresso de Libertação Nacional realiza reformas de base
- Ferrovários da Central: greve e apoio às demandas da Comissão dos Trabalhadores

Reportagens nas páginas 1 e 3



ANO IV Rio de Janeiro, semana de 24 a 30 de agosto de 1963 Nº 184

A Solução do Povo

Oriando Bonfim Jr.

O «ESPORÇO CONCENTRADO» da Câmara terminou num conchavo entre os cúpulos partidários e o sr. João Goulart. Resolveram e impuseram. Não. Resolveram apenas que vão resolver num outro «esporço concentrado» entre os dias 10 a 15 de setembro próximo... Chamem a isso de trégua. O «arbitrio» viria depois, com a aprovação, na segunda «conferência», da emenda constitucional Oliveira Brito, que asseguraria a realização do plebiscito nos princípios de 1963. Mas desde já se comenta que tudo foi feito em termos precários e duvidosos, não havendo certeza nem ao menos quanto à presença em Brasília, na oportunidade, do número necessário de deputados.

MAS, ESSE aspecto de cambaleio é secundário. O importante é examinar-se o que serviu de objeto ao acôrdo. Em torno de que se fez o entendimento? Em torno do plebiscito. E as reformas de base? Foram atiradas às urtigas, como também se atirou às urtigas e decantado plano de delegação de poderes do ministro Brochado da Rocha. É a esses resultados que leva a política de conciliação.

EVIDENTEMENTE, semelhante caminho jamais conduzirá à solução da crise que o país atravessa, pois não dará solução aos problemas do povo. Ao contrário, contribuirá para agravá-los. É o que está acontecendo. A carestia da vida, por exemplo, acumula sempre maiores privações e sofrimentos nos ombros das massas. E a conciliação não resolve, mas agrava a situação, exatamente porque é feita com aquelas forças que são as principais responsáveis pelos males que martirizam nosso povo: 56 um imbecil admitiria a hipótese de uma aliança com os latifundiários e os imperialistas, ou com seus ilustres sócios, agentes e representantes, para combater o latifúndio e o imperialismo.

A REALIDADE nos mostra que a política de conciliação, ao mesmo tempo que se realiza contra os interesses do povo, fortalece os reacionários e entreguistas.

Eles andam, de fato, às soltas. Com dinheiro forte, impulsionam sua ofensiva em todas as situações. Procuram dividir, para enfraquecer, o movimento sindical e o movimento estudantil. Controlam as órgãos de divulgação e propaganda. Mobilizam ao mesmo tempo «play-boys» e senhoras grá-finas para atos diversos de terrorismo. Imiscuem-se nas Forças Armadas, tanto em vista rearticulações e novas tropas. Pretendem envolver a campanha eleitoral e proteger seus representantes. Para atingir simultaneamente objetivos, lançam mão de todos os recursos, dos mais sutis e grosseiros aos mais ácidos e cruéis. Eles, que tantas vezes já demonstraram ódio ao morto e democracia, apresentam-se, agora como seus defensores. Após a renúncia de sr. Jânio Quadros, tentaram impedir ao país uma ditadura reacionária e fizeram da Constituição (neste contendo com a ajuda dos conciliadores...) o que bem entenderam, desrespeitando-a de todas as formas e mudando o sistema de governo. Hoje, são os guardiões da legalidade... Quem se deixará embair por essa cantilena? As forças populares sabem perfeitamente que não podem estar suas mãos e fórmulas estabelecidas pelos seus próprios inimigos.

ESTAMOS vendo que a política de conciliação leva ao agravamento dos problemas do povo e ao favorecimento dos inimigos do povo. Outro é o caminho a ser seguido. O IV Encontro Sindical Nacional e o Congresso de Libertação Nacional, realizados esta semana, indicaram-nos com clareza e vigor, apontando a necessidade da mobilização de todas as forças patrióticas e democráticas na luta organizada pelas transformações que o povo brasileiro reclama e pela formação de um governo que inspire confiança à nação. As resoluções desses dois conclaves — e não os arreglos entre conciliadores e reacionários e entreguistas — é que correspondem aos interesses de nosso povo e, por isso mesmo, levarão a que se encontre para a crise a única saída justa. Que as resoluções sejam, pois, levadas à prática. Sem nenhuma demora e com a maior energia.

Como Foi Preparada a Lançada Dos Gêmeos do Espaço



Partido Comunista: Suas Opiniões Que Justificam Registro

Jornalista Mário Martins

«...para demonstrar que se pode divergir da ideologia do Partido Comunista mas não se pode deixar de reconhecer que a atuação dos seus representantes nas Assembléias tem sido sempre dentro dos mais altos e rigorosos sentimentos de honradez e de interesse pela causa pública».

Deputado Sérgio Magalhães

«Não se pode compreender discriminações de natureza política no regime democrático. Creio que essa providência viria contribuir para o fortalecimento das instituições democráticas e também para uma orientação governamental cada vez mais integrada nos legítimos interesses populares».

(Texto na 3ª página)

Papai cosmonauta

O grande feito cosmonáutico dos soviéticos ainda repercutiu no mundo. Foi um novo degrau — e da máxima importância — subido pelo homem no caminho que leva ao satélite natural da Terra, a Lua, e aos planetas do sistema solar. O vôo duplo de Nicoláiev e Popóvitch trouxe à ciência e à técnica novos e valiosos elementos para outras arremetidas na conquista do Cosmo. Como foi preparado o vôo orbital duplo, como se formaram os cosmonautas, quem são eles — é o que revelam as correspondências especiais da Agência soviética Novosti para «Novos Rumos». Na foto, o cosmonauta soviético Pável Popóvitch, tripulante da cosmonave Vostok 4, lançada 24 horas depois do Vostok 3, tripulada por Andrian Nicoláiev. A filha de Popóvitch, Natacha, tem agora um pai que é herói do seu povo. Reportagens na 3ª página.

O Nordeste a SUDENE e o imperialismo

Na página 4, a quinta reportagem da série, de Fragmon Carlos Borges

A Rumânia após dezoito anos de socialismo

Reportagem na pag. 4

Paraíba: Latifúndio em Pânico Ameaça Recorrer à Luta Armada

Reportagem de RUI FAGO, na 7ª página

IV Encontro Decidiu: Luta Contra o Imperialismo e o Latifúndio

Mais de três mil trabalhadores reunidos dias 17, 18 e 19 de agosto em São Paulo fizeram o IV Encontro Sindical Nacional uma vigorosa demonstração de unidade, independência e clareza de objetivos do movimento operário em sua luta por melhores condições de vida e de trabalho e pelo fortalecimento da frente única nacionalista e democrática na luta pelas reformas de base.

Durante os três dias de debates o local do Encontro — Cine São José — ficou superlotado pelos representantes de centenas de sindicatos, Federações e Confederações, que formavam um plenário atento e entusiasmado, cuja vibração traduzia os anseios de milhares de trabalhadores, e várias comissões, cujos membros, céticos, trabalharam arduamente para coordenar as muitas propostas apresentadas pelos convenções e transformá-las em decisões do IV Encontro.

Em sua fase preparatória, o IV Encontro Sindical Nacional atingiu centenas de milhares de trabalhadores, pois foram realizados congressos e conferências regionais em inúmeros setores e categorias profissionais.

Durante esse período de preparação, milhares de opiniões se fizeram ouvir sobre problemas como as liberdades e autonomia sindicais, a luta por um governo nacionalista e democrático, campanha por melhores salários, regularização do abastecimento de gêneros alimentícios, contra a carestia, pelas reformas de base, e muitos outros, discussões que enriqueceram os argumentos e ideias dos delegados eleitos e fizeram das decisões do conclave decisões democráticas, de enorme parcela do proletariado.

Além, os signatários da convocação do Encontro já servem para mostrar a amplitude do conclave. Assinaram o documento dirigentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Aéreos, Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC), Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara (CPOS), Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos, Federação Nacional dos Estivadores, Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos e Fluviais, Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas, Radiotelegráficas e Radiotelefonias, Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas, Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas, Federação Nacional dos Empregados no Comércio Armazenador, Federação Nacional dos Portuários, Federação Nacional dos Trabalhadores no Grupo de Máquinas da Marinha Mercante, Federação Nacional dos Radialistas, Federação Inter-sindical dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino, União dos Portuários do Brasil, Pacto de Unidade Inter-sindical de São Paulo.

Presentes à reunião encontravam-se os representantes da Federação Sindical Mundial, Henry Vernier, do Sindicato dos Marítimos da República Popular da China, Tang Chang, do Departamento Internacional da Federação dos Sindicatos da República Popular da China, Mo Chen Chiu, e da CIO-SL-ORIT, sr. Samuel Powell.

O representante da CIO-SL-ORIT tentou pregar o "apocriphismo" sindical, mas recebeu a reprobção do plenário primeiro, e depois do secretário da FSM, Henry Vernier, que em discurso aplaudidíssimo fixou a atitude da Federação Sindical Mundial, que está disposta a dialogar com os dirigentes da CIO-SL-ORIT em benefício da unidade sindical em todo o mundo.

MELHORAR ESTRUTURA SINDICAL PARA FORTALECER AS LUTAS

Os trabalhadores reunidos em São Paulo deram grande atenção à questão da organização sindical, indispensável para garantir o êxito em suas lutas. Assim, para adaptar a estrutura sindical brasileira às atuais necessidades, foram aprovadas as seguintes resoluções:

ESTRUTURA SINDICAL

Dos trabalhos apresentados a consideração do IV ENCONTRO sobre a questão de Estrutura sindical, constatou-se a preocupação salutar de todos os convenções com a organização estrutural dos nossos organismos.

Assim que esta Comissão, apreciando o material, constatou que a ESTRUTURA SINDICAL DO BRASIL, já não corresponde ao avanço do movimento sindical. Devemos ter em conta que a própria luta dos trabalhadores, os grandes movimentos reivindicatórios, a conquista e a defesa dos direitos da classe operária, foram modificando a antiga estrutura, introduzindo mudanças democráticas, consagradas pelos próprios trabalhadores.

Um exame mais profundo da atual estrutura sindical se fará durante a preparação do IV CONGRESSO NACIONAL SINDICAL que poderá então apresentar um estudo completo das conquistas já efetuadas e as que iremos reivindicar.

Apresentamos, entretanto, os seguintes pontos e resoluções:

1.º — Apoio à ação exercida pelo Comando Geral dos Trabalhadores, integrado pelas Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais, por sua orientação firme e decidida nos últimos acontecimentos políticos, especialmente na direção da greve política de 5 de julho de 1962.

2.º — Diante do prestígio e respeito pela massa trabalhadora e as organizações sindicais do nosso País, o Comando Geral dos Trabalhadores é transformado em aprovação do IV ENCONTRO NACIONAL SINDICAL em órgão de orientação, coordenação e direção do movimento sindical brasileiro.

3.º — O Comando Geral dos Trabalhadores será composto de dois representantes das Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais e das C.P.O.S. da Guanabara, com sede no Rio de Janeiro, tendo sua secretaria funcionando na Sede da CNTI.

representarão no Comando Geral dos Trabalhadores, assim como os Municípios terão sua ligação com os órgãos Estaduais.

5.º — Intensificar as organizações de direções estaduais, com base nas Federações Estaduais e no organismo atuantes nas capitais dos Estados, onde devem ter sua sede e secretaria, do comando sindical de cada Estado;

6.º — Tornar obrigatória a organização sindical a base dos órgãos nos locais de trabalho. Enviar a todos os organismos sindicais, as instruções como funcionam as representações nas empresas, incluindo seu regulamento nos Estatutos Sindicais.

Lutar com toda a energia para que a Câmara dos Deputados aprove sem demora o projeto de lei, em tramitação, que assegure a estabilidade de representação sindical nos locais de trabalho.

7.º — Convocar o IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, para meados do ano de 1963, dando ao Comando Geral dos Trabalhadores a incumbência de organizá-lo, podendo criar, para cumprimento de suas tarefas, as comissões de trabalho que forem necessárias.

Este IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, será precedido e baseado nas realizações dos Congressos, conferências e Convenções, tanto em âmbito Estadual como Municipal, assim como de várias categorias profissionais.

A Comissão organizadora deverá imediatamente tomar todas as medidas para que a convocação do IV Congresso Nacional Sindical dos Trabalhadores seja publicada no dia 15 de setembro deste ano.

8.º — Dar todo o apoio e meios técnicos para a organização sindical dos trabalhadores rurais, sob a responsabilidade direta da direção sindical de cada Estado.

9.º — Prestar toda solidariedade à sindicalização dos funcionários públicos, servidores do Estado.

10.º — Realizar uma campanha planejada Nacional, Estadual e Municipal de sindicalização, sob o compromisso de aumentar os efetivos atuais de cada Sindicato, a partir desta data, de 20%, cujo resultado deverá ser apresentado ao IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores a ser realizado em 1963.

11.º — Recomendar a unificação dos DIESES já existentes em todo o território Nacional em um único órgão coordenador.

12.º — Recomendar que sejam criados em todos os Sindicatos e Federações além das Confederações, cursos de capacitação político-sindical.

Manifesto à Nação

"Os trabalhadores e suas organizações sindicais, reunidos em São Paulo no seu IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL, com cerca de 4000 delegados de todo o País e todas as categorias profissionais, reafirmam a sua firme disposição de lutar, com apoio de todas as forças nacionalistas e democráticas, contra o imperialismo e o latifúndio — causas essenciais da crise em que vivemos.

Coerentes com os pronunciamentos assinados pelos dirigentes sindicais definindo a posição dos trabalhadores face aos problemas que afligem a nação, reafirmamos mais uma vez que não haverá solução favorável ao povo pela forma como procedem as cúpulas partidárias e o governo, com conciliações que atendem aos trusts e monopólios e seus agentes, inimigos da nossa pátria.

So com a participação dos trabalhadores, dos patriotas civis e militares, derrotaremos nossos inimigos.

Examinando profundamente e coletivamente a situação econômica, política e social do nosso País, concluímos que não houve, que não se tomou nenhuma medida eficiente para enfrentar as causas do atraso e da miséria em que vive o nosso povo. Por isso estamos, convencidos de que se não lutarmos com energia, essa situação se agravará muito mais.

Concluímos também, que apoiados na opinião e ação de todo o povo, afirmamos nossa disposição de nos manter unidos, vigilantes e organizados para prosseguir, sem desalinhamento, nossa luta, para tornarmos realidade o programa de 18 pontos que constitui nossa bandeira de luta. Ao denunciarmos a conciliação que se realiza contra os interesses da nação e do povo, clamamos a todos os nacionalistas, democratas, patriotas, pois agora necessitamos multiplicar nossas energias, nossa mobilização e nossa organização. Este é um momento que exige de todos nós, maior esforço porque, assim, unidos, conquistaremos nossas reivindicações e direitos. Mantenhamos as nossas organizações em Assembleias Permanentes. Organizemos comissões nos locais de trabalho; multipliquemos os nossos efetivos sindicais. Discutamos nossas revoluções e decisões para aplicá-las.

Lutaremos com energia para que as forças imperialistas e dos latifundiários não continuem a espoliar e roubar o povo brasileiro.

Defendamos com energia as liberdades democráticas e sindicais. Lutaremos pelo direito de voto para os soldados e analfabetos. Exigimos a democratização da Lei eleitoral e legalização de todos os partidos políticos. Lutaremos contra a lei de segurança nacional, pela ampla liberdade de imprensa falada e escrita.

Não aceitaremos o substitutivo Jefferson de Aguiar e exigimos a imediata aprovação do projeto de lei originário da Câmara dos Deputados sobre o Direito de Greve.

Exigimos medidas reais contra os trusts e os monopólios. Lutemos pela Reforma Agrária Radical, com acesso à terra aos camponeses pobres e medidas complementares de amparo ao trabalhador rural.

Consideramos justas todas as reivindicações que os participantes do IV ENCONTRO, com tanto calor e firmeza defenderam no decorrer dos debates, condenando todas as formas de exploração e opressão. Reivindicamos, além de outras, a revisão imediata do salário mínimo atual, aumentando-o de acordo com o custo de vida, pugnando pelo aumento geral dos salários, o salário-família, contra qualquer tentativa de congelamento de salários e vencimentos de civis e militares.

Reclamamos medidas imediatas e eficientes do governo contra a insuportável alta constante do custo de vida e contra os exploradores do povo.

Lutaremos pela aplicação integral de todas as conquistas das leis sociais e trabalhistas e da Lei Orgânica da Previdência Social, bem como das reivindicações e tomamos no nosso IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL.

Enquanto as cúpulas partidárias e homens do governo dissociados do povo, dos supremos interesses da nação, conciliam e tentam enganar a nação com falsas medidas, que agravam ainda mais a situação do País, os trabalhadores demonstram com a greve de 5 de julho último e por outras formas de luta e ainda com as suas decisões em nosso conclave, que nossa batalha vai se estendendo por todo o País, formando uma frente única que cada vez mais vai se tornando inevitável.

Agora, mais do que nunca lutaremos pela constituição de um governo nacionalista, capaz de executar as REFORMAS que o País exige.

Firmes, unidos e mobilizados derrotaremos a conciliação dos que não querem a solução dos problemas vitais do nosso País e do nosso povo e dos que querem impedir e retardar a execução do programa nacionalista e democrático, e tentar anular as liberdades democráticas.

Para alcançar estes objetivos que são de todo o povo concluíamos a preparação de uma greve geral para ser declarada quando o determinar o comando geral dos trabalhadores, sem prejuízo de continuarmos lutando pelas nossas reivindicações.

Levemos com entusiasmo as justas revoluções do IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL para os locais de trabalho e as Assembleias sindicais.

Conclamamos toda a nação, civil e militar, camponeses, estudantes, homens e mulheres e ao povo em geral, para unidos lutarmos pela emancipação da nossa pátria.

São Paulo, 19 de agosto de 1962.

Novos Salários

O que os trabalhadores recebem mensalmente já não basta para comprar os gêneros de primeira necessidade. É muito menos para outras necessidades, menores mas também indispensáveis. O IV Encontro resolveu aprovar nesse sentido as seguintes medidas:

Sobre as REIVINDICAÇÕES SALARIAIS este ENCONTRO, examinando a situação dos trabalhadores brasileiros face à desvalorização progressiva do valor aquisitivo, resolve tomar as seguintes medidas, recomendando a todas as organizações sindicais sua imediata aplicação:

1.º — Revisão imediata dos atuais níveis de salário mínimo, terminando com a discriminação arbitrária do zoneamento em vigor a fim de que o critério estabelecido seja de que o SALÁRIO MÍNIMO para qualquer localidade de um Estado se iguale àquele percebido nas respectivas capitais, eliminando-se, assim, as injustas subdivisões existentes.

a) que nos cálculos para a sua revisão sejam incluídos gastos com educação e cultura;

b) que seja aplicado imediatamente após a sua declaração, revogando, em consequência, os artigos da CLT que impedem essa medida;

c) que seja intensificada a fiscalização por parte dos organismos sindicais, a fim de impedir a burla dos empregadores que não pagam o salário mínimo de maior ou menores que não estão sujeitos ao aprendizado;

2.º — Redução do prazo, dos acordos salariais estabelecidos em lei, a fim de aproximar os seus níveis com a constante elevação do custo de vida, passando a vigorar no máximo de seis em seis meses.

Os representantes da classe operária tomaram energia para combater a constante elevação do custo de vida, substanciada no seguinte documento:

"O IV ENCONTRO NACIONAL SINDICAL DOS TRABALHADORES aprovou o Relatório da 1.ª Comissão sobre a POSIÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA FACE A ELEVAÇÃO CONSTANTE DO CUSTO DE VIDA e:

RESOLVE

RATIFICAR todas as resoluções já aprovadas em Congressos, Conferências e Encontros Nacionais de Trabalhadores, até a presente data realizadas e, como resultado dos trabalhos apresentados neste IV ENCONTRO, consignar mais as seguintes medidas em reforço daquelas resoluções:

1.º — Requerer dos poderes públicos a mobilização de todos os meios de Transporte para o transporte de gêneros essenciais dos centros produtores até os mercados consumidores, chegando-se até ao confisco dos estoques existentes;

2.º — Exigir do governo a ampliação da rede de armazenagem geral e silos, para estocagem de gêneros alimentícios dentro de um plano nacional de abastecimento que vise a estabilização dos preços no mercado consumidor;

3.º — Lutar pela criação imediata de postos de armazenagem, onde se fixar necessário, para venda de gêneros alimentícios diretamente ao povo;

4.º — Encampação, pelos governos Federal e Estaduais, quando se fizer necessário, dos frigoríficos e invernavas bem como de empresas produtoras de gêneros alimentícios, tais como a SANBRA, ANDERSON CLAYTON, etc., tendo em vista a importância da produção e a defesa da bolsa do consumidor;

5.º — Controle, pelo governo, das empresas que explorem a indústria da pesca, visando ao seu desenvolvimento e aprimoramento, tendo em vista sua importância no abastecimento popular;

6.º — Insistir junto ao governo na reestruturação dos organismos controladores do abastecimento e fixação de preços, com a participação dos trabalhadores em seus comitês;

7.º — Recomendar ao governo o afastamento da direção dos órgãos oficiais que superintendam a produção e a fixação dos preços, dos elementos pertencentes ou ligados a grupos econômicos;

8.º — Solicitar ao Congresso Nacional a aprovação imediata do projeto 850-55, que afasta os intermediários do serviço de entrega, tendo em vista o abateamento das mercadorias transportadas por via marítima;

9.º — Solicitar do governo federal sejam as caixas econômicas obrigadas a criar uma carteira de empréstimos simples aos trabalhadores, a juros módicos com desconto em "folha de pagamento";

10.º — Recomendar aos prefeitos do interior o estímulo à assistência ao produtor, com vistas à melhoria do abastecimento em geral, bem como para que colaborem com subsídios de ordem técnica, na fixação de preços mínimos junto aos organismos controladores;

11.º — Recomendar ao Congresso Nacional a aprovação imediata do projeto 850-55, que afasta os intermediários do serviço de entrega, tendo em vista o abateamento das mercadorias transportadas por via marítima;

12.º — Solicitar do governo federal sejam as caixas econômicas obrigadas a criar uma carteira de empréstimos simples aos trabalhadores, a juros módicos com desconto em "folha de pagamento";

13.º — Recomendar aos prefeitos do interior o estímulo à assistência ao produtor, com vistas à melhoria do abastecimento em geral, bem como para que colaborem com subsídios de ordem técnica, na fixação de preços mínimos junto aos organismos controladores.

14.º — Monopólio estatal das indústrias químicas e farmacêuticas;

15.º — Medidas concretas e eficazes para o funcionamento da Eletrobras;

16.º — Encampação das empresas estrangeiras de publicidade;

17.º — Criação da AEROBRA, instituindo o monopólio estatal na aviação comercial;

18.º — Federalização dos portos, assegurando-se os direitos adquiridos pelos trabalhadores, inclusive o de sindicalização;

19.º — Manutenção das atuais autarquias que explorem o transporte marítimo, assegurando-se-lhes o percentual de 50% das cargas transportadas na importação e exportação, às embarcações mercantes nacionais e afretamento de navios a casco nu, ao mesmo tempo com o incremento da construção naval;

20.º — Apoio à SUDENE e à SFEVA, como passo inicial para liquidar o desequilíbrio progressivo entre o Nordeste e a Amazônia e a região centro-sul do País, pugnando por uma política que remova as causas fundamentais daquele desenvolvimento;

21.º — Monopólio estatal do câmbio e restauração do chamado "Confisco Cambial", de maneira a incrementar uma política de desenvolvimento econômico através da crescente industrialização do País, em bases nacionalistas;

22.º — Controle efetivo, por parte do Estado, sobre as comunicações telefônicas, radiotelegráficas e radiotelefonias em todo o território nacional;

23.º — Amparo efetivo ao produtor de trigo, mediante o financiamento total das safras, a armazenagem e silagem nas fontes de produção e nas zonas de embarque e desembarque, além da fiscalização da fronteira;

24.º — Exigir imediatas medidas dos poderes públicos visando a erradicação do analfabetismo no Brasil;

25.º — Defesa intransigente das liberdades democráticas e sindicais;

26.º — Monopólio estatal da exportação do café;

27.º — Reforma agrária radical e imediata, com extensão da legislação trabalhista e da assistência social ao homem do campo;

28.º — Reforma universitária, participação de 1/3 dos estudantes nas Congregações, Conselhos Departamentais e Conselhos Universitários. Defesa da escola pública e democratização do ensino;

29.º — Revisão e desamortamento da política financeira do Fundo Monetário Internacional e dos planos da "Aliança Para o Progresso";

30.º — Desenvolvimento da indústria brasileira de extração e beneficiamento dos minérios atômicos, propondo como solução o monopólio estatal e combate ao contrabando;

31.º — Defesa da indústria nacional de álcalis, mediante o monopólio estatal e controle da importação de barrilha e soda cáustica e

32.º — Incentivo e defesa da Indústria Nacional, Fábrica Nacional de Motores e demais empresas da economia mista e autárquicas que operem nos ramos básicos da economia nacional."

ELEVAÇÃO DO CUSTO DE VIDA

Os representantes da classe operária tomaram energia para combater a constante elevação do custo de vida, substanciada no seguinte documento:

"O IV ENCONTRO NACIONAL SINDICAL DOS TRABALHADORES aprovou o Relatório da 1.ª Comissão sobre a POSIÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA FACE A ELEVAÇÃO CONSTANTE DO CUSTO DE VIDA e:

RESOLVE

RATIFICAR todas as resoluções já aprovadas em Congressos, Conferências e Encontros Nacionais de Trabalhadores, até a presente data realizadas e, como resultado dos trabalhos apresentados neste IV ENCONTRO, consignar mais as seguintes medidas em reforço daquelas resoluções:

1.º — Requerer dos poderes públicos a mobilização de todos os meios de Transporte para o transporte de gêneros essenciais dos centros produtores até os mercados consumidores, chegando-se até ao confisco dos estoques existentes;

2.º — Exigir do governo a ampliação da rede de armazenagem geral e silos, para estocagem de gêneros alimentícios dentro de um plano nacional de abastecimento que vise a estabilização dos preços no mercado consumidor;

3.º — Lutar pela criação imediata de postos de armazenagem, onde se fixar necessário, para venda de gêneros alimentícios diretamente ao povo;

4.º — Encampação, pelos governos Federal e Estaduais, quando se fizer necessário, dos frigoríficos e invernavas bem como de empresas produtoras de gêneros alimentícios, tais como a SANBRA, ANDERSON CLAYTON, etc., tendo em vista a importância da produção e a defesa da bolsa do consumidor;

5.º — Controle, pelo governo, das empresas que explorem a indústria da pesca, visando ao seu desenvolvimento e aprimoramento, tendo em vista sua importância no abastecimento popular;

6.º — Insistir junto ao governo na reestruturação dos organismos controladores do abastecimento e fixação de preços, com a participação dos trabalhadores em seus comitês;

7.º — Recomendar ao governo o afastamento da direção dos órgãos oficiais que superintendam a produção e a fixação dos preços, dos elementos pertencentes ou ligados a grupos econômicos;

8.º — Solicitar ao Congresso Nacional a aprovação imediata do projeto 850-55, que afasta os intermediários do serviço de entrega, tendo em vista o abateamento das mercadorias transportadas por via marítima;

9.º — Solicitar do governo federal sejam as caixas econômicas obrigadas a criar uma carteira de empréstimos simples aos trabalhadores, a juros módicos com desconto em "folha de pagamento";

10.º — Recomendar aos prefeitos do interior o estímulo à assistência ao produtor, com vistas à melhoria do abastecimento em geral, bem como para que colaborem com subsídios de ordem técnica, na fixação de preços mínimos junto aos organismos controladores.

Reformas de Base

A solução dos principais problemas que afligem a nação nos dias que correm foi objeto de intensos debates pelos trabalhadores, que chegaram à conclusão de que apenas com reformas básicas podem ser resolvidos esses problemas. Publicamos abaixo o documento aprovado a esse respeito no IV Encontro:

"Os representantes sindicais ao IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL, reunidos em São Paulo, diante da gravidade da situação brasileira e céticos das suas responsabilidades na vida econômica, social e política, assumem compromissos de defender as seguintes medidas para a solução dos problemas nacionais:

1.º — Luta concreta e eficaz contra a inflação e a carestia, mobilizando todos os meios de transporte para a condução de gêneros essenciais, dos centros produtores para os consumidores, chegando-se, caso necessário, até ao confisco dos estoques existentes, com encaminhamento à Justiça e prisão dos acambradores;

2.º — Reforma urbana, como única solução para o problema da casa própria;

3.º — Reforma bancária, com a nacionalização dos Bancos estrangeiros de depósitos, e companhias de investimentos e financiamentos, e aplicação dos recursos em benefício de atividades genuinamente nacionais. Enquanto não for concretizada a reforma bancária, os poderes executivos deverão baixar instruções contendo medidas eficazes para impedir que o sistema bancário continue a conceder privilégios às firmas controladas pelos trusts, principalmente internacionais;

4.º — Reforma eleitoral, com direito de voto aos analfabetos, aos cabos e soldados das forças armadas, aos marítimos em viagem em trânsito e instituição de cédula única para as eleições de 7 de outubro;

5.º — Ampliação da atual política externa do Brasil, pela conquista de novos mercados, em defesa do naz, do desenvolvimento total e da autodeterminação dos povos;

6.º — Aprovação da Lei que assegure o direito de greve, nos termos do projeto aprovado pela Câmara Federal, com as emendas propostas e já aprovadas pelos trabalhadores em suas conferências e Congressos;

7.º — Encampação, com tombamento físico e contábil, de todas as empresas estrangeiras que explorem os serviços públicos;

8.º — Controle da inversão de capitais estrangeiros no País e limitação da remessa de lucros de acordo com o projeto aprovado pela Câmara Federal;

9.º — Participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, com fiscalização dos empregados;

10.º — Revogação de toda e qualquer ação lesiva aos interesses nacionais;

11.º — Fortalecimento da Petrobras, com o monopólio estatal do óleo bruto do Alifanção dos derivados a granel, da indústria petrolífera e a emancipação das refinarias particulares;

12.º — Nacionalização dos frigoríficos, esteiras e seus campos de invernavas e defesa intransigente do pequeno criador, do pecuista e do consumidor de carnes;

13.º — Nacionalização das empresas es-

ONZE PONTOS DE AÇÃO IMEDIATA: PROGRAMA

Para as questões mais urgentes, que não admitem espera e planejamento demorados, os trabalhadores aprovaram um "Programa de Ação Imediata", que consta dos seguintes pontos:

"O IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL DOS TRABALHADORES, reunido em São Paulo nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 1962, interpretando o desejo de milhares de Delegados que representam os anseios de milhões de trabalhadores da cidade e do campo, empregados e servidores, resolve:

a) — Lutar pela imediata revisão dos níveis salariais;

b) — Lutar pela imediata aprovação dos projetos de salário-família, aposentadoria aos 30 (trinta) anos de trabalho e pelo Direito de greve, conforme aprovação da Câmara Federal com as emendas apresentadas pelos trabalhadores;

c) — Lutar pela aprovação do Projeto da Jornada de seis horas de trabalho para a mulher e o de autoria do dep. Sérgio Magalhães que estende esse direito a todos os trabalhadores;

d) — Lutar pela imediata aprovação do projeto do dep. Federal Ferro Costa que eleva a porcentagem de juros de 6% para 12% sobre

processos na Justiça do Trabalho.

— Impulsionar a luta para que o Ministério do Trabalho reconheça imediatamente os sindicatos de trabalhadores rurais.

f) — Lutar para que os sindicatos sindicalem no mínimo mais 20% de seus efetivos entre o período do término deste Encontro Sindical e a realização do IV CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES, ativando os associados já existentes e organizando-os nos locais de trabalho.

g) — Organizar para o mês de setembro próximo — entre 24 a 30 — semana de luta contra a carestia pela Reforma agrária radical e limitação da remessa de lucros para o exterior.

h) — Organizar a Conferência Nacional da mulher trabalhadora onde serão discutidas as questões atinentes à jornada de trabalho das 6 horas e suas reivindicações para o próximo mês de outubro na cidade de São Paulo, sob a responsabilidade do Pacto Inter-sindical de São Paulo.

i) — Organizar a divulgação e intensificar a luta pela aplicação das resoluções do IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL, ficando

o Comando Geral dos Trabalhadores responsável pela execução das resoluções aprovadas no Encontro Nacional.

j) — Intensificar todos os esforços em defesa das liberdades democráticas e sindicais, da unidade e da solidariedade dos trabalhadores, no sentido de atender concretamente a palavra-de-ordem do Comando Geral dos Trabalhadores para a ação em defesa das reivindicações econômicas, políticas e sociais.

k) — O Comando Geral dos Trabalhadores acompanhado do maior número de dirigentes sindicais deverá neste período de esforço concentrado do Parlamento se dirigir a Brasília para gestonar junto aos poderes competentes nossa opinião sobre o direito de greve e as reivindicações aprovadas no IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL.

Para os itens a, b, c e d deve-se iniciar por todo o País a partir de 1.º de setembro próximo a realização de Assembleias sindicais enviando-se telegramas, cartas e centenas de milhares de assinaturas ao Parlamento Nacional sobre as reivindicações ali expostas.

RAO PAULO, (SP), 19 de agosto de 1962."

FERROVIÁRIOS DA CENTRAL IRÃO À GREVE POR GOVERNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO

Em grande assembleia que contou com a presença de mais de dois mil trabalhadores da ferrovia, e em cuja primeira parte foram discutidos vários problemas específicos da categoria, os ferroviários da Central do Brasil analisaram a mensagem enviada à Câmara dos Deputados pelo primeiro-ministro Brochado da Rocha, solicitando poderes especiais.

Na ocasião foi aprovado um manifesto aos ferroviários, cujo texto é o seguinte: "Mais uma vez dirigimo-nos aos ferroviários e ao povo, a toda a Nação. Aos patriotas — civis e militares — que, estamos certos, constituem a maioria esmagadora dos que querem paz e felicidade para o povo, para definir a posição dos ferroviários frente aos problemas nacionais.

Estamos convencidos de que a crise política, econômica e social é consequência da estrutura obsoleta do nosso País e da dominação do imperialismo e do latifúndio.

Nos ferroviários, estamos convencidos de que as soluções apresentadas em manifesto do Comando de Greve estabelecido em 5 de julho, constituem medidas capazes de melhorar a si-

tuação aflitiva em que se encontram os ferroviários da Central do Brasil e todo o povo.

Procuraremos através de nossas manifestações e da ação unidos e organizados, esclarecer, alertar e convocar todos os trabalhadores e patriotas, para a luta em defesa dos supremos interesses da pátria.

Consideramos também que é nosso dever tomar posição definida diante da mensagem que o exmo. sr. presidente do Conselho de Ministros Dr. Brochado da Rocha, encaminhou no dia 12 à Câmara dos Deputados.

É preciso que fique claro desde logo, que não apoiamos toda a mensagem, mas somente aquelas reivindicações que consultam efetivamente os interesses do povo, como por exemplo: o monopólio da importação de petróleo e derivados, o monopólio da exportação de café, a prorrogação do prazo dos contratos de arrendamento. A luta por essas medidas corresponde aos interesses do povo.

A solução patriótica desses problemas não pode ser encontrada apenas nas cúpulas partidárias, deixando-se à margem os trabalhadores e o povo.

Ela exige, também, que o governo se liberte daquelas que em seu seio constituem em entrave para a concretização de algumas medidas positivas que o próprio governo se propõe pôr em prática. Lutaremos também nós, os ferroviários, com os demais patriotas, contra aqueles que oferecerem resistência à sua urgente aplicação.

Pela análise da própria mensagem enviada pelo governo à Câmara dos Deputados mais se reforçou nossa convicção da

A LEI DE LUCROS: UM PASSO A FRENTE

Josué Almeida

Nova campanha está em curso contra a regulamentação da remessa de lucros e disciplinamento dos capitais estrangeiros no Brasil...

De fato, o projeto aprovado pela Câmara, reprodução quase total do substitutivo Mem de Sá, mesmo com as alterações introduzidas na votação final, significa um claro retrocesso em comparação com o projeto aprovado em fins de novembro último...

As alterações de conteúdo no projeto Celso Brant feitas pela comissão mista de deputados e senadores foram, todas elas, favoráveis ao capital estrangeiro. E as mudanças de forma na redação de alguns dispositivos, a pretexto de eliminar impropriedades ou de dar maior coerência técnica e jurídica ao texto, também tiveram o nítido sentido de beneficiar o capital estrangeiro...

da aprovação do projeto Celso Brant, os Mem de Sá e Gudin, todos os jornais estendidos pelo capital estrangeiro, alegaram que a fixação do teto de 10% para as remessas era mais ou menos inócua...

Na verdade, o que todos sabem, e mais que todas as próprias empresas estrangeiras, e que os dados da SUMOC são extremamente deficientes, espelham apenas uma parte da verdade, não incluem, nem podem incluir o sub e o superlatramento, o contrabando, as remessas clandestinas em espécie, etc. Por isso é que, enquanto pouco vão além de 7 ou 8 por cento, os preços, remédios (para só mencionar um ramo industrial onde já foi amplamente denunciado o controle estrangeiro) aumentam...

O projeto aprovado pela Câmara contém, ainda, segundo os mesmos jornais, dispositivos conflitantes entre si: seriam os três primeiros parágrafos do artigo 28, que fixa limites e restrições para remessas em situações de aguda escassez de divisas, e o artigo 31, segundo o qual a principal dessas limitações extingui-se permanentemente...

Se tivermos em conta a situação atual no que respeita à legislação sobre investimentos estrangeiros e remessa de lucros, constata-se que o projeto aprovado pela Câmara é um passo a frente, ainda que pequeno. É uma vitória, ainda que limitada, das forças patrióticas e democráticas. Mas, ainda é a melhor coisa que já se fez no interesse do Brasil para disciplinar um pouco o capital imperialista...

Numa palavra, o substitutivo que aparece sob a paternidade do senador Mem de Sá é um recuo considerável em benefício do capital estrangeiro; as restrições feitas nos artigos 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100...

Que faz a Câmara com o substitutivo da comissão mista? Alterou-o em apenas dois pontos: fixou um limite geral de 10% para todas as remessas de lucros, proibidas quando esses lucros forem gerados pela poupança nacional captada pela empresa estrangeira e não reinvestida, e criou uma exigência de somenos para a venda de ações de empresas estrangeiras no Brasil...

DO BRASIL OU DOS ESTADOS UNIDOS ?

Os argumentos contra as mais recentes manifestações dos advogados do capital estrangeiro, na questão da remessa de lucros, o leitor encontrará em nossa seção especializada. Aqui, queremos chamar a atenção, com alguns detalhes, para a coincidência de dois editoriais aparecidos esta semana em "O Globo" de 20 de agosto e "Jornal do Brasil" do dia seguinte...

"Traição da Câmara", intitula-se o de "O Globo". "Remessa de lucros", é o de "Jornal do Brasil". E nesta diferença de títulos consiste sua única diferença. O tema é o mesmo, a mesma orientação que se traçaram, ou que lhes traçaram, contra o controle da monstruosa sangria de que é vítima o país com a exportação dos lucros e superlucros das empresas estrangeiras...

"Para curar uma sangria imaginária, criaremos uma sangria real" — escreveu "O Globo".

"Os nossos aprendizes de feiticeiros conseguiram assim transformar uma sangria imaginária numa sangria real" — repete "Jornal do Brasil".

"Simpatizantes do totalitarismo vermelho", chama "O Globo" aos deputados que apresentaram na Câmara o projeto de remessa de lucros; de "extremistas" os qualifica "Jornal do Brasil".

O "argumento" relativo à criação de empregos, utilizado pelo órgão oficial da reação, é o mesmo repetido pelo "Jornal do Brasil". Aqui apenas as cifras diferem: enquanto um fala de 60 mil supostos empregos na indústria, o outro soma indústrias e serviços e calcula em 700 mil.

A viagem que realiza atualmente o ministro da Fazenda à Europa é explorada de maneira idêntica pelo "O Globo" e "Jornal do Brasil". Este repete quase literalmente aquilo que o outro denomina de "singular incoerência entre pedir empréstimos de um lado e, de outro, afugentar capitais". "O Globo" havia escrito: "...solicitar créditos governamentais a países amigos (...)" quando castigava e rejeita investimentos privados.

Recentemente, o "Jornal do Brasil" fez um negócio um tanto escuso com o fãlido jornal de Lacerda, anunciando, com grande alarde, uma transformação de sentido democrático naquele diário. Lacerda interveio e impediu a propalada transformação. O fãlido voltou-se contra o feiticeiro: foi o "Jornal do Brasil" que passou a seguir a orientação lacerdiana ou pelo menos aparentada a ela. Mas, agora dá uma nova guinada para a direita: seu modelo já é "O Globo", órgão do MAC, da Standard Oil, do IBAD.

Será mesmo "do Brasil" o jornal da Condessa?

Acôrd de Investimento Com EUA Põe Por Terra Soberania Nacional

Falando como uma espécie de vice-rei do Departamento de Estado para a América Latina, o sr. Theodoro Moscoso, que ostenta o pomposo título de Coordenador da Aliança para o Progresso, concedeu uma entrevista coletiva à imprensa...

E A SOBERANIA NACIONAL?

Um governo que prezasse a soberania do seu país, em face de tais declarações, ao teria um caminho a seguir: indicar ao atrevido estrangeiro que as fés, por mais potentado que seja as portas de saída. E efetivamente, um acordo que previze tais condições só poderia ser concluído com uma prévia alteração na lei básica do país: logo no artigo 1.º da Constituição, onde se lê — "A República dos Estados Unidos do Brasil..." — deveria passar-se a lei: "O Brasil dos Estados Unidos..." Sim, porque é impossível a um país soberano oferecer a investidores estrangeiros, com a agravante de serem privados tais investidores, garantias contra o seu direito sobe-

ranos de dispor sobre sua economia. Para não ir muito longe, basta que nos fixemos no projeto de remessa de lucros, aprovado por ex-parte da maioria da Câmara dos Deputados, à base de um substitutivo anterior...

PERPETUAÇÃO DA ESPOUAÇÃO

E que dizer da garantia contra a desvalorização da nossa moeda, que tem precisamente a espouação levada a efeito pelos trustes e monopólios nos Estados Unidos sua causa principal? De fato, tal garantia seria um sentido de assegurar a "direito" de continuar o saque e a espouação do Brasil. Seria uma espécie

de canga sobre o nosso pescoço posta com a nossa ajuda. E é inerte com o dito ainda se possa cogitar em 1962, mesmo depois que o sr. Jânio Quadros advertiu publicamente o embaixador Moura Cabot por muito menos, e sem que haja um lúcido pronunciamento do governo brasileiro, de repulsa a semelhante atrevimento.

ALIANÇA SEM MÁSCARA

Assim o sr. Moscoso, ao iniciar seu speech, que na questão da Aliança para o Progresso completava um ano de existência. E a propósito advertiu aos nativos de que a Aliança para o Progresso não é um instrumento do setor público. Trata-se de um grande equívoco que eu gostaria de corrigir imediatamente. «Aliás, o setor privado tem a desempenhar o PRINCIPAL PAPEL para que a Aliança possa alcançar suas metas. (O desta que é nosso). Alá, pela boca do mais autorizado representante da Aliança, a confirmação da principal tese das forças nacionalistas sobre a Aliança para o Progresso: trata-se de um instrumento para facilitar e favorecer a penetração

dos monopólios banqueiros na América Latina e a sua prolongar e agravar a situação de miséria e privações que sofrem os nossos povos. Há um ano, quando da assinatura da Aliança, dizia o sr. Douglas Dillon e repetia o sr. Clemente Mariani que os principais recursos prometidos para a Aliança proviriam de fundos públicos. Especificava-se, inclusive, a proporção dos fundos públicos: 70 por cento. E agora? Quem está certo? Quem dá o Brasil ou quem quer entregá-lo?

«GO HOME»

Publicou um jornal de Recife uma foto do sr. Moscoso, numa das favelas locais, de lenço ao nariz, exclamando: «Como fedez! Ter-se-á recordado, talvez, do Pôrto Rico de sua infância. O sr. Moscoso é um entusiasmado da «solução» encontrada para Pôrto Rico e a têm preconizado para outros países da América Latina. Engana-se, porém, se julga os brasileiros por suas próprias inclinações. Através da história, o nosso povo tem demonstrado soberanamente que não tem vocação para escravo. Mr. Moscoso, vá home!

PCB: MÁRIO MARTINS E SÉRGIO MAGALHÃES A FAVOR DO REGISTRO

"O Partido Comunista no Brasil não foi fechado em decorrência de qualquer movimento subversivo. As ações ou pretextos invocados se limitaram a interferência jurídica de seus estatutos, que não se ajustavam à legislação democrática vigente no país. Foi portanto posto na ilegalidade por uma decisão da Justiça que não analisava a sua doutrina nem a sua filosofia."

Com as palavras acima o jornalista Mário Martins, candidato a vice-governador do Estado da Guanabara, iniciou sua entrevista a NOVOS RUMOS sobre o registro eleitoral do PCB, ora no Tribunal Superior Eleitoral. E prosseguiu:

"Contra aquela atitude e a imediata cassação dos mandatos dos seus parlamentares, se levantaram os maiores democratas do país, como Otávio Mangabeira e Prado Kelly. Se agora o Partido Comunista reestruturou os seus estatutos e se enquadra na legislação brasileira, obviamente cessam as razões ou pretextos que o colocaram fora da convivência política entre nós."

Em seguida, o ex-parlamentar udenista citou exemplos da atuação dos parlamentares comunistas, com as seguintes palavras: "Pessoalmente, sempre considero de alto alcance para a vida democrática no Brasil a participação das bancadas comunistas nas diferentes Assembleias. Elas têm o papel do fermento nos trabalhos parlamentares. Quando fui líder da oposição na Câmara dos Vereadores nesta cidade, durante quatro anos, tive ao meu lado nas batalhas mais difíceis sempre a presença dos quatro vereadores comunistas — Aristides Saldanha, Eliseu Alves, Antenor Marques e Henrique Miranda. O povo se recorda do escandaloso caso da renovação do contrato da Companhia Telefônica. Os vereadores comunistas formaram o meu lado e não entre aqueles que foram acusados de ter sido subordinados pela Light. No pro-

cesso, a lei brasileira concederia a possibilidade de retorno, em forma de lucro, de até 10%, sujeitando, ainda, a entrada do capital e uma regulamentação seletiva. O excesso de lucro da empresa estrangeira seria convertido em capital nacional, em depósito no BNDE para reinvestimento, sobre o qual não se permitiria a remessa de lucro. Alá está a justificativa do que a Câmara aprovou, e mais alguma coisa que o projeto deixou de incluir. Será que "O Globo", "Jornal do Brasil", etc., já estão vendo no deputado Agripino — um eminente patriota, mas que em política é um homem nitidamente de centro — o ferocíssimo vermelho com quem vêm assustando atribuídos burgueses?

Finalizando, afirmou o candidato do Partido Libertador ao cargo de vice-governador da Guanabara: "Nessas condições, se a Justiça, frente aos novos estatutos do Partido Comunista, lhe der uma decisão favorável, quero crer que iremos ter uma vida democrática mais realista e sem as mutilações atuais."

SÉRGIO MAGALHÃES O deputado federal do PTB Sérgio Magalhães referiu-se à legalização do PCB nos seguintes termos: "Tenho defendido de longa data a necessidade de uma legislação. Não se pode compreender discriminações de natureza política no regime democrático. Creio que essa providência viria contribuir para o fortalecimento das instituições democráticas e também para uma orientação governamental cada vez mais integrada nos legítimos interesses populares."

Congresso de Libertação Nacional

Em solenidade realizada no cine Paramount, em São Paulo, encerrou-se, na noite do último dia 22, o I Congresso de Libertação Nacional, que contou com a participação de delegados de inúmeros Estados, tendo sido prestigiado por destacadas personalidades da vida social, intelectual, política, econômica e sindical do país. Ao fim dos trabalhos que se iniciaram no dia 21, foi aprovada uma resolução que consubstancia o programa de luta nacionalista e democrática em defesa dos interesses das massas trabalhadoras da cidade e do campo.

Os governadores Leonel Brizola (R. G. do Sul); Mauro Borges (Goiás); Gilberto Mestrinho (Amazonas); Aurélio do Carmo (Pará); Chagas Rodrigues (Piauí); e Celso Pecanha (Rio de Janeiro); foram

Instrução 229

A Instrução n. 229, divulgada pela SUMOC em 15 do corrente, restabeleceu o regime instituído pela Instrução 204, de 13-3-61.

Fica, destarte, evidente que o objetivo da Instrução n. 229 foi, tão-somente, o de evitar a falência total, a que estaríamos fatalmente condenados se persistíssemos, por mais algum tempo, a situação que chegáramos ao final do primeiro semestre deste ano.

Ante a iminência de ter de reformular, pela base, toda a economia nacional, optou o Conselho por um recuo temporário, sobre o qual o próprio Fundo Monetário Internacional, se ouvido a respeito (se é que não o foi secretamente), opinaria favoravelmente.

Ocorre todavia que foi a prática do sistema ora reavaliado que nos conduziu à "borda do abismo", para usar uma expressão muito do agrado de certos economistas da velha guarda. Não será portanto pessimismo prever-se a reedição dos mesmos males do passado, cujo agravamento nos levou à calamitosa situação que antecedeu a 228.

Uma característica da regulamentação baixada sobre a Instrução 229 é uma certa severidade no que diz respeito ao mercado financeiro, para o qual foram estabelecidas várias limitações. Assim, as vendas a viajantes continuam limitadas a US\$ 250,00, por pessoa e, do total disponível pelos bancos para as vendas financeiras, 70% deverão destinar-se ao atendimento de compromissos contratuais, inclusive os amparados em Certificados de Prioridade Cambial. Por outro lado, as vendas contempladas pelos 30% restantes, somente poderão exceder o total de US\$ 500,00 mediante ampla comprovação.

Todas essas providências estão corretas, em princípio, e revelam a honestidade e o zelo dos técnicos de nível médio que não resistem, de fato, mercado livre de câmbio. A opção é entre o mercado controlado pelo Estado ou pelos grupos econômicos suficientemente poderosos e organizados.

Desse modo, em que pese às intenções dos funcionários que regulamentaram

a Instrução, fica sempre aberto o alcapão pelo qual se escoam os recursos cambiais, em proveito dos privilegiados.

As remessas relativas a amortizações e juros de operações amparadas em Certificados de Prioridade Cambial ou em Registros de Financiamentos da SUMOC são garantidas, conforme dissemos, por 70% da margem disponível dos Bancos. Quando houver aval de entidade governamental (Banco do Brasil, BNDE ou Tesouro Nacional), a própria Carteira de Câmbio poderá assegurar as divisas para os pagamentos.

Em consequência, das remessas, a parte que podemos chamar de legal está amplamente assegurada. Para o resto, existem os 30%. Sem falar no mercado negro.

Não fica isso, contudo, o favorecimento. De fato, ao invés de estabelecer um limite quantitativo semanal para as transferências financeiras, por pessoa, tal como ocorre com as operações do mercado comercial, previu-se apenas uma limitação de US\$ 500,00 por operação, marca essa que poderá ser ultrapassada mediante plena comprovação. Dadas as boas relações de que destruímos os habituais tomadores de divisas em nível elevado, não é demais imaginar que o aparente obstáculo será facilmente superado.

Além do mais, assegurou-se aos bancos o direito de vender, no mercado financeiro, até o montante da média apurada nos últimos doze meses. Nessas condições, permaneceram intocados os interesses dos grandes remetedores de dinheiro, cujas compras constituem, justamente, a base estatística do limite fixado.

Podemos portanto concluir que a Instrução n. 229 representa a retomada da política de liberalização progressiva de nosso sistema de câmbio e comércio exterior, que há vários anos vem sendo cumprido pelas nossas autoridades monetárias e que entrou em fase de execução acelerada desde o advento da Instrução 204.

Em face dos resultados até agora obtidos com essa orientação, não só no Brasil, mas também na Argentina e no Chile, não há como encerrar com otimismo o futuro próximo, no setor econômico-financeiro.

Declieux Crispim Sobrinho

Vítima de mal súbito, O armistício firmado entre o sr. João Goulart e os líderes das cúpulas reacionárias tem a fragilidade de um castelo de areia. Agora mesmo são interpretados os termos desse documento. Figuras do PSD e da UDN comecam a espalhar que esses partidos não se comprometeram a aprovar os projetos pleiteados pelo presidente da República, mas simplesmente votá-los, isto é, a dar número para as votações, através do famoso esforço concentrado, espécie de recita para o livre funcionamento do aparelho legislativo, sem necessidade do emprego de pilulas.

Fora de Rumo Paulo Natta Lima

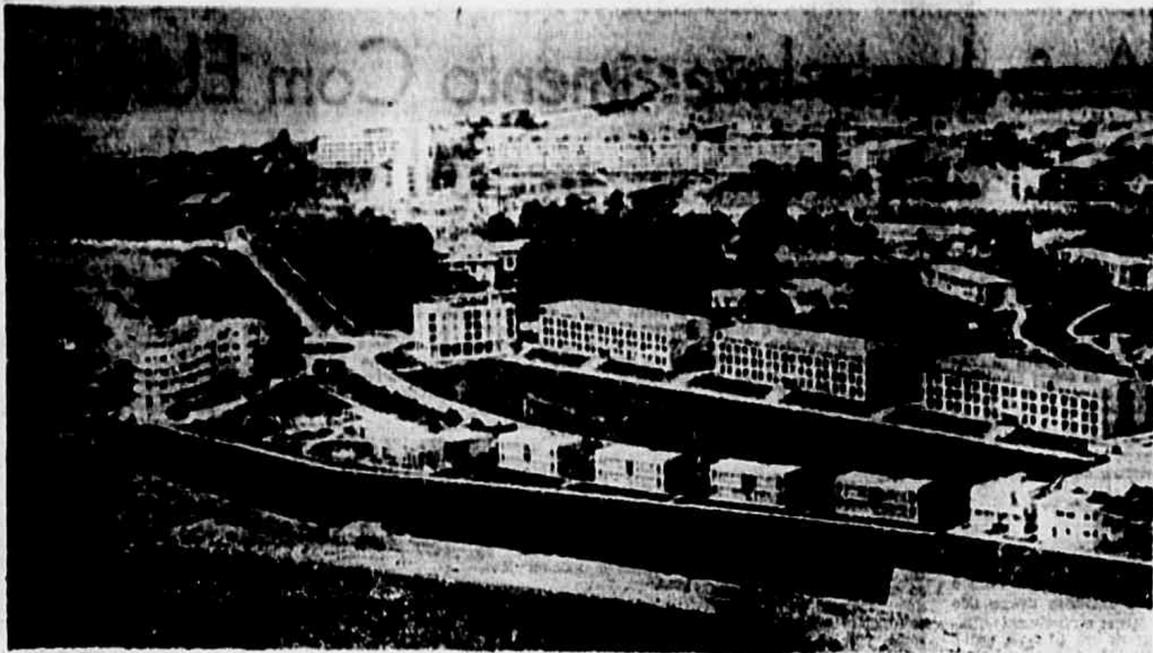
De que maneira se reacenderá, depois da trégua há dias anunciada, a crise parlamentar? A resposta a essa pergunta desafia a argúcia dos cronistas políticos.

A dolorosa interrogação em torno do que ficou explícito ou implícito nesse entendimento de bastidores não é o único problema da atualidade. Apesar de sua precariedade, o "arraglio" conseguido em Brasília está provocando irritação em certas áreas. Economistas facilmente identificáveis comecam a submeter a uma crítica virulenta a aprovação do projeto sobre a remessa de lucros. "O Globo", o mais ocidental e cristão de nossos jornais, mostrou-se particularmente enfurecido. Como cavaleiro andante, fazendo lembrar o episódio de D. Quixote com a infanta Micomicona, o sr. Roberto Marinho salu a galope em campo raso, na mais descomunal e desafortunada batalha. "Y luto tanta la sangre, que los arroyos corrian por tierra como si fueran de água".

O "Jornal do Brasil" também se manifestou. O projeto, segundo o matutino da Senhora Condessa, desestímula o enfatuado capital estrangeiro. Segundo o "Correio da Manhã", o projeto traz a eiva do jacobinismo, espécie de pechão original. Jacobinismo? Ilustres senhores, não devemos esquecer que os jacobinos se distinguiram por seu ardor revolucionário. Eram os grandes apaixonados da democracia burguesa nascente. Formavam a corrente mais exaltada, na Revolução Francesa. Por tudo isso, no dicionário do obscurantismo, a expressão "jacobinismo" tomou um sentido pejorativo.

Não só aqueles três jornais afinaram seus instrumentos pelo diapasão do capital financeiro internacional. A chamada imprensa sadia mostrou-se comoventemente solidária nessa questão da remessa de lucros, questão que tanto interessa aos investidores estrangeiros. O patriotismo desses senhores é assim. Funciona às avessas. Contra o Brasil e a favor da ganância estrangeira.

Mas estamos apenas em face de uma trégua. Quando voltar a hora do esforço concentrado, como se processará o choque entre a política de conciliação com o golpe e as rastelras dos homens das cúpulas, comprometidas com os piores setores da reação e do obscurantismo?



PARA REPOUSO DOS QUE TRABALHAM

Nos orçamentos da Rumânia grandes verbas são destinadas ao cuidado da recuperação das energias dispendidas pelos trabalhadores, na batalha diária da produção. Em estâncias balneares como a da foto, os responsáveis maio-

res pelo progresso que coloca a Rumânia na situação invejável de país que rompe com o atraso em tempo historicamente diminuto revigoram as forças e desfrutam de agradáveis momentos de lazer, acompanhados dos seus familiares e

em ambiente de efetiva fraternidade. A meta da assistência social vem sendo atingida num índice de quase cem por cento pelo governo da Rumânia.

A Revolução Trouxe o Progresso e Bem-Estar ao Povo da Rumânia

Ha 18 anos, no dia 23 de agosto, o povo rumeno, em vitoriosa insurreição, dirigida pelo seu Partido Comunista, libertou seu país da dominação fascista, estabelecendo, mais tarde, o atual regime democrático-popular.

Depois de longos anos de dura luta contra os fascistas de Antonescu, que mancomunados com os hitleristas tinham estabelecido uma feroz ditadura, o povo da Rumânia conquistou uma nova era que lhe abriu perspectivas para uma vida mais feliz, com a abolição dos sistemas de opressão, atraso cultural e econômico, que estavam em plena vigência até 1944.

Com a ajuda valiosa dos exércitos soviéticos, que levaram de roldão os nazistas alemães e os fascistas de Antonescu, o povo e o exército rumenos esmagaram definitivamente os inimigos da liberdade, do progresso e do bem-estar social.

A participação dos rumenos pode ser testemunhada com medalhas de guerra que lhes foram concedidas, não só pelo governo rumeno, mas, também, pelos soviéticos, tchecos-eslovacos e húngaros. Mais de 300 mil combatentes receberam medalhas por atos de heroísmo em combate. O dia 23 de agosto assinala a conquista pelo povo rumeno de sua verdadeira independência política e econômica.

Com a fusão de todos os partidos de esquerda e do centro no Partido Operário Rumeno, iniciou-se a construção de um sistema de vida em que a exploração do homem pelo homem e os males decorrentes — analfabetismo, doenças e atraso

e econômico — foram completamente eliminados. O direito ao bem-estar deixou de ser privilégio de uma minoria. E, hoje, pode-se traduzir em números o progresso conquistado pelo povo rumeno nestes 18 anos de regime democrático-popular.

Com menos de 238 mil km², conta hoje a Rumânia com uma população de mais de 18 milhões de almas. De

Dinâmica da produção industrial global em alguns ramos fundamentais da indústria.

	1938 = 100	1950	1955	1958	1959
Energia elétrica e térmica	248	576	846	940	
Carrão	137	207	247	287	
Petróleo	87	171	201	219	
Gás metano	630	1.282	1.673	1.914	
Coque-químico	100	174	1.264	1.357	
Extração de minerais ferrosos	298	631	663	674	
Idem não ferrosos	73	326	524	566	
Siderurgia	190	226	302	543	
Construção mecânica e transformação de metais	179	496	751	872	
Eletrotécnica	100	367	582	671	
Química	168	494	776	945	
Celulose e papel	165	326	287	322	
Materiais de construção	273	686	989	1.082	

Para compreendermos bem o desenvolvimento industrial da Rumânia basta comparar sua produção de aço com a do Brasil. Enquanto nós com uma população de 70 milhões produzimos apenas 2.200.000

Número de tratores e máquinas agrícolas	1950	1955	1958	1959
Tratores físicos	3.281	6.455	12.395	14.719
Tratores convencionais 15 CV	156	8.529	17.593	21.020
Semeadoras mecânicas	174	2.269	8.517	9.093
Cultivadores mecânicos	431	2.044	6.449	7.387
Colhedoras-debulhadoras mecânicas	39	8	5.409	6.153

essencialmente agrícola e produtor de matérias-primas, principalmente de petróleo bruto, passou a um país altamente industrializado e com uma produção agropecuária muito desenvolvida.

Os dados do desenvolvimento industrial da Rumânia falam melhor que qualquer comentário. Veremos o seu desenvolvimento no pequeno gráfico que segue:

Em 1959, 315.998 crianças frequentaram as escolas maternas e 1.508.401, as 4 primeiras classes. O número de estudantes, hoje, é de 3.100.000, equivalente à população da Bolívia.

Antigamente os filhos dos trabalhadores e camponeses que podiam frequentar as escolas não atingia a mais de 6% do total. Hoje, 70% dos estudantes são filhos de operários e camponeses. A República Popular da

Rumânia se auto-abastece de cereais e ainda exporta grandes quantidades de trigo, milho e outros produtos.

São expressivos da atenção dada pelas autoridades à cultura do povo, os números relativos à educação. O ensino obrigatório de sete anos se generalizou a toda a Rumânia, enquanto está sendo preparado o ensino básico obrigatório de oito anos.

O NORDESTE, A SUDENE E O IMPERIALISMO (V) Camponeses Sem Terra

Fragmon Carlos Borges

dor e para a terra. Nestas condições, a exploração da terra assume quase sempre um caráter predatório. O arrendatário tem todo o interesse em tirar o máximo da terra, sem dar-lhe nada.

As condições de arrendamento são leoninas. Quando pago em dinheiro — forma muito pouco usada no Nordeste — o seu preço é elevadíssimo. Mas a forma geralmente utilizada é a do pagamento em espécie. São a meia e a terça, com predominância da primeira. No inquérito da Comissão Nacional de Política Agrária, já citado, a meia foi encontrada como forma predominante em 85% dos municípios nordestinos pesquisados. As vezes as duas formas se combinam. O latifundiário cobra a meia do produto principal — algodão, por exemplo — e a terça dos outros produtos também cultivados pelo arrendatário como o milho e feijão. Em muitos casos o latifundiário fixa o tipo de cultura que deve ser feita e determina a quantidade ou o tipo de criação que o arrendatário pode possuir. Quando não a proíbe simplesmente. Em parcela considerável, uma das condições de arrendamento é a obrigação do arrendatário vender ao latifundiário a parte do produto que lhe cabe. E quase sempre os preços dos produtos são fixados justamente quando a sua cotação no mercado está por baixo.

Nada melhor para ilustrar essa dura realidade do que alguns exemplos concretos e recentes.

Era domingo, dia de feira no Oliteiro, subúrbio rural de João Pessoa, onde está localizada a sede da Liga Camponesa daquela cidade. Um homem baixo, forte, pés e mãos

Teoria e Prática

Apelo de Carvalho

(Perguntas da leitora Graziela L., de Niterói, Estado do RIO)

«Que é base econômica? Que é superestrutura?»

Cada sociedade caracteriza-se pelo grau de evolução de sua economia — e, em consequência, pelo conjunto de relações que os homens têm as classes que a compõem estabelecem entre si, no processo de sua atividade produtiva.

O nível de desenvolvimento das forças produtivas ajuda-nos a conhecer, em cada período, as possibilidades e os limites da atividade material e espiritual dos homens, como criadores de sua própria história: ele forma o fundo do quadro de cada época. As relações econômicas indicam-nos as condições concretas em que os homens fazem essa história, impulsionados ou freados pelos laços a que estão sujeitos na vida social. Esses laços podem ser de simples intercâmbio privado, na produção mercantil; de solidariedade e ajuda mútua (na comunidade primitiva e no socialismo); ou de domínio, opressão e dependência, nas sociedades de classes antagonicas. Daí, a importância decisiva das relações econômicas para a explicação dos fenômenos sociais, da identidade de interesse e dos conflitos abertos, dos períodos de estabilidade relativa ou de viragens e revoluções. Daí porque o marxismo-leninismo as considera a base econômica, o alicerce de todo o edifício social.

A base econômica tem caráter material e objetivo, pois cada época a recebe das gerações anteriores. Ela é constituída pelas formas de propriedade sobre os meios de produção; pelas relações que delas decorrem para as classes e grupos existentes; e pelas diferentes formas de distribuição da riqueza produzida.

Tomemos o exemplo de nosso país. Nêe coexistem e combinam-se três formas de propriedade: a grande propriedade territorial, com o monopólio da propriedade da terra; a propriedade capitalista, incluindo os monopólios estrangeiros e seu domínio sobre postos-chave da economia nacional; a pequena e média propriedades, base da simples produção mercantil. Dessas formas de propriedade emergem, ao lado das relações capitalistas baseadas no trabalho assalariado, as relações pré-capitalistas, com seus métodos e sobrevivências feudais. Quanto à

distribuição da riqueza produzida, a distância cada vez maior entre os pólos da riqueza e da miséria, em nossa vida social.

Nossas relações econômicas são marcadas, assim, por antagonismos profundos: entre a burguesia e o proletariado; entre as massas camponesas e a classe dos latifundiários, entre a Nação e o imperialismo. Esse choque de classes e de interesses reflete-se em nossa vida política e nas várias formas de nossa consciência social.

Cada sociedade compreende, assim, uma parte material: a sua base econômica. E uma parte ideológica, constituída pelo conjunto de idéias e teorias políticas e sociais e pelas instituições que lhes correspondem. Nestas se espelham as aspirações comuns ou os interesses e conflitos das diferentes classes que a compõem.

E a esse conjunto de idéias e instituições que o marxismo-leninismo chama a superestrutura da sociedade. Ela inclui o Estado, o Direito, os partidos políticos, a moral, a arte, a filosofia, a ciência, a Igreja, a religião.

Sob o regime capitalista, as relações entre a burguesia e o proletariado têm um caráter de domínio, opressão e dependência — e são, em consequência, antagonicas, inconciliáveis. Esse antagonismo reflete-se, necessariamente, na superestrutura, sob a forma política e a forma ideológica da que se reveste a luta de classes. A superestrutura da sociedade capitalista tem, assim, um caráter contraditório. Ela compreende a superestrutura burguesa dominante e integral; uma superestrutura de classe, apoiada fundamentalmente no Estado e nas normas de Direito, posto a serviço de sua forma de propriedade e de seu domínio político. Ela compreende, também, os elementos de superestruturas que a classe operária vai criando e desenvolvendo, no processo de sua luta econômica, política e ideológica contra a burguesia: seu partido marxista-leninista, seus sindicatos e demais organizações, sua ideologia socialista, sua imprensa, sua literatura, sua arte, sua moral.

Veremos a seguir, o choque entre as duas ideologias, em nossa vida social.

MAIDANA: Herói Popular Paraguai Perigo de Vida no Cárcere

Bem em frente ao Palácio da Justiça de Assunção, no Paraguai, existe uma delegacia de polícia, o que em si não quer dizer nada. Acontece, porém, que ali, as barbas do ministro da Justiça, existe, no meio

do pátio da delegacia, uma masmorra, construída recentemente, de dois metros de largura por três de comprimento. E dentro dela estão encerrados, praticamente emparedados, oito seres humanos.

Pelas condições de encarceramento — o calabouço tem por abertura apenas uma porta que só se abre para os alimentos, e um pequeno respirador por onde entra pouco ar e nenhuma luz — poder-se-ia imaginar que os presos são feras perigosas para a coletividade, malflores e criminosos irreparáveis, o que, entretanto, não justificaria tais condições de prisão num país que assinou a Declaração dos Direitos do Homem.

O fato assume proporções monstruosas quando se sabe que os encarcerados são homens de bem, presos políticos cujo único crime foi lutar contra a ditadura e a opressão, pelo restabelecimento das liberdades no seu país. Três deles são professores, homens de cultura, a quem não se permite a leitura nem de jornais. Trata-se de Antônio Maidana, encarcerado há quatro anos; Julio Rojas, há mais de quatro, e Ananias Maidana, há três.

Nas condições mencionadas, sem sol, ar e exercício, os prisioneiros estão com a saúde abalada. E o caso de Ananias Maidana, com grave enfermidade intestinal, e Julio Rojas, que está tuberculoso.

O ódio mais feroz da sanguinária ditadura de Stroessner é voltado contra Antônio Maidana, o mais importante dos presos políticos paraguaios, provado combatente pela liberdade de seu povo. A 17 de outubro de 1961, o juiz decretou a libertação de Maidana. A 17 de novembro, a polícia respondeu por ofício que já havia cumprido a sentença, o que é uma descarada mentira, porquanto o herói continua encarcerado na referida masmorra.

SOLIDARIDADE

Há pouco tempo viajou para o Paraguai uma delegação uruguaia altamente representativa, composta pela professora Reina Reyes, em nome das organizações de professores de Montevideo, o presidente da FUM, Marcos Diaz, o senador Troccoli, o representante nacional doutor Lenzel, que levaram uma declaração assinada por 58 parlamentares, e o doutor David Alvarez, a fim de levar a solidariedade unânime do povo do Uruguai a seus prisioneiros, os combatentes pela liberdade paraguai.

Essa solidariedade deve ser seguida por todos os demais povos, com as mais variadas iniciativas, para impedir o crime que se comete dia a dia nos cárceres paraguaios, para libertar os heróis do povo, como Antônio Maidana, que correm inclusive o risco de morrer por falta de condições decentes de vida.

Livros Chineses em Espanhol

Obras de Mao Tsé-Tung
Atualidade política da China e outros temas
Novelas revolucionárias
Literatura folclórica
Contos infantis
Álbuns de fotografias e reproduções de arte

PREÇOS POPULARES MODERNA APRESENTAÇÃO GRÁFICA

Atendemos pelo Reembolso Postal

Concedemos desconto de 20% a revendedores

PEÇA-NOS LISTA DE PREÇOS

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA

Rua Juan Pablo Duarte, 50 - sobrado
Caixa Postal, 165 — telefone 22-1613
Rio de Janeiro — Guanabara

um cavalo, 800 cruzeiros; por um boi, 1.200 cruzeiros, por ano. Os arrendatários em melhores condições tinham suas próprias casas de farinha. Existiam dezenas de moinhos no rio. Os latifundiários Ribeiros mandaram derrubar-las, e construíram uma casa central onde todo mundo tem que fazer sua farinha. Por cada cula de farinha (dez litros), dois ficam com os latifundiários. O algodão produzido nas fazendas é adquirido pelos latifundiários. Pagam sempre 10 a 150 cruzeiros abaixo do preço da praça. Os pesos tem gravata no pescoço, como bachelele — cada 100 quilos pesa 110 e até 120. Não é de estranhar que, nestas condições, se multipliquem os "casos". Camponeses há que não se conformam com a exploração. Reclamam. A reclamação é respondida com o despejo. São numerosos os casos de violências. Os latifundiários são impiedosos.

Esses exemplos mostram bem o que é a vida do arrendatário na Paraíba, Estado onde o arrendamento ocupa importante posição: mais de 15% do número total de propriedades.

Particularmente explorados são os condiceiros, que pagam o arrendamento em trabalho. Pelo direito de cultivarem um pequeno trato de terra, condiceiro é obrigado a trabalhar, gratuitamente, um dia e mais dias nas terras do latifundiário. E o que no Nordeste se chama dia de cambão. Ou condicão. Essa forma de exploração tipicamente feudal, a exemplo do que acontece com a meia e a terça, é muito difundida na região. Um exemplo gritante a esse respeito esteve há alguns meses nas manchetes dos jornais da região: o da fazenda Mirri, na Paraíba. Por um trato de terra de meio hectare ou, quando muito de um hectare, o condiceiro é obrigado a dar um dia de trabalho de graça nas terras de Pedro Ramos Ribeiro Coutinho, proprietário do latifúndio. Isso significa um arrendamento superior a 5 mil cruzeiros, na base do salário diário de cem cruzeiros, o máximo pago na região. Em um ano, o condiceiro paga, desta forma, quase o valor da terra! E agora, para obrigar os camponeses a abandonarem a propriedade, o latifundiário passou a exigir dois, três e até quatro dias de trabalho gratuito por semana! Essa fazenda tem mais de 15 mil hectare, estende-se pelos municípios de Mamanguape, Espírito Santo, Sapé e Santa Rita. Lá vivem cerca de três mil pessoas.

Agora, quem nos fala é Pedro Fazendeiro, secretário da Liga Camponesa de Sapé, a maior do país. O município de Sapé, como outros vizinhos, é completamente dominado pela família Ribeiro Coutinho. São donos de dezenas de fazendas e das principais usinas de açúcar ali existentes. Em suas terras moram milhares de arrendatários, que cultivam feijão, milho, mandioca, algodão, etc. Por uma quadra de 50 metros, pagam 2 a 3 mil cruzeiros. Quando a terra é de abacaxi, pagam até 10 mil cruzeiros. Vejamos algumas das condições a que estão sujeitos esses arrendatários.

Não podem manter, nas terras arrendadas, qualquer tipo de criação. Se quiserem possuí-la, terão de pagar. Por

Caminho Para as Estrêlas Começa na Porta da Escola

Pável Popóvitch foi o primeiro a chegar ao destacamento dos cosmonautas. Melhor dito, o destacamento nem existia ainda. A pedido do chefe da nova unidade, que acabavam de matricular-se no destacamento: Yuri Gagarin, Oherman Titov, Andrian Nicoláiev e outros, ajudando-os a instalar-se e respondendo a suas primeiras perguntas. As respostas, é evidente, não podiam satisfazer de todo os rapazes. Pável mesmo não sabia muita coisa.

Os cosmonautas abriram a porta da câmara e... a ausência de gravidade não conhece gêneros, como o combate aéreo não respeita chefes. E, perdendo seu peso, voava ao longo da fuselagem o piloto general Kamanian. Com dois movimentos conseguiu voltar a prova. Manteve a posição horizontal e voltou a seu lugar.

— Que tal? perguntou contente. Os cosmonautas responderam em uníssono: — Normal. A princípio, para nós foi pior. — O que? Nicolai Petrovitch voara conosco? — Se não fosse a idade, eu os acompanharia. E depois: — Continuem as provas. — Nosso general? — assim o chamam os cosmonautas.

O TREINAMENTO
É difícil ter-se uma idéia de preparação mais humana e com maior certeza de propósito. Pareceria impossível, em um só dia, treinar salto e pista móvel, suportar o ritmo intenso do voo, os exercícios de matemática superior, a seção de astronomia e biologia e, à noite, ir a concertos e cinemas. Mas na realidade é possível, desde que o indivíduo esteja fisicamente preparado e habituado a concentrar-se. Se o descanso se alterna com o trabalho e tudo decorre segundo um plano e horário exatos, o dia parecerá extraordinariamente agradável e não se sentirá esse cansaço esmagador que obriga ao sono. Pode-se até mesmo ler antes de dormir e trocar impressões com os companheiros.

Os dias sucedem-se uns aos outros. Começa outro mês. Enquanto isso, na câmara silenciosa, sozinho com seus pensamentos, Pável Popóvitch vive isolado do mundo.

Sómente os reflexos dos sinais luminosos parecem dizer-lhe: "Somos de onde há gente, onde há vida. Somos dali..." Os sinais acendem e apagam, e reaparecendo inesperadamente voltam a deslumbrá-lo, a inquietá-lo. — Com os diabos! Já me resta pouco, um dia mais apenas, o último... — pensa Pável Popóvitch, e começa a cantar. A canção ressona surdamente na câmara silenciosa, como se viesse de além-túmulo. "Uma verdadeira brincadeira com os sentidos" — pensa Pável, e percebe que começa a ficar nervoso. Por que será? Ah, sim, por que logo sairá desta câmara.

Passa a mão pela barba hirsuta, crescida de vários

dias, e decide não fazer a barba, como fizera Titov, apresentando-se assim em casa.

As horas passam e à medida em que se aproximavam os minutos da conclusão da prova. Pável, olha mais frequentemente o relógio. Chegou a hora da refeição. Não tinha apetite. Os últimos instantes de impaciência chega ao limite máximo. Pável tem a impressão de que alguém do lado de fora da câmara faz girar o fecho. Ouve um ruído no microfone de bordo e uma voz humana. Há dias não ouvia nenhuma voz, e estremece de surpresa.

— A prova terminou, mas lhe proponho continuar a experimentação. Avise se está de acordo.

Novo toque no microfone e faz-se o silêncio outra vez. A porta estava a seu lado; bastava deslizar os cintos, libertar o tórax e as mãos, fazer girar o volante, e sairia ao encontro das pessoas que estavam fora do ruído, da vida pela qual ansiava seu coração, seus nervos, seu cérebro. A prova havia terminado. E sentia desejos de gritar: "Fui aprovado no exame; vou sair. Mas..."

— Concordo em prosseguir a experiência! — respondeu.

Não importava que aquilo fosse apenas um ensaio de vôo cômico em uma nave pousada em terra. Devia preparar-se para esse vôo com a mesma atenção como se fosse uma realidade. Isto ajudava a excluir até mesmo as inexistências e os pequenos erros. Na cosmonáutica não há minúsculas. Essa era a razão de, ao embarcar, Pável Popóvitch comprovar escrupulosamente cada válvula, o funcionamento de cada sistema, de tudo o que rodeava na cabina da nave.

Pável experimentava os

PAVEL POPÓVITCH: DE CARPINTEIRO A PILOTO, VOOU MAIS ALTO QUE O CONDOR

Pável Popóvitch — cujo nome tem hoje fama internacional — nasceu a 9 de outubro de 1930, na aldeia de Uzin, região de Kiev. Seu pai, Roman Porfirievitch, trabalhava numa fábrica de açúcar. Sua mãe, Feodósia Kassianova, com muitos filhos e cheia de preocupações, dedicava-se aos trabalhos domésticos. Pável era o filho mais velho. Durante o outono, na pela manhã à escola e depois seguiu para a fábrica, a fim de ajudar o pai. Durante o verão, quando chegavam as férias, Pável pastoreava reses para poder comprar livros.

Quando terminou a escola de sete anos, Pável começou a aprender o ofício de carpinteiro. Em seguida, matriculou-se numa escola profissional em Magnitogorsk. Era um aluno inquieto e ávido de conhecimentos. Cantava num conjunto coral, praticava esporte. Durante quatro anos, foi instrutor do comitê urbano do komsomol (União da Juventude), e, no ano de 1950, deixando arrastar pelo sonho de muitos jovens, matriculou-se num clube de aviação. Fez então amizade com um jovem chamado Alexéi Kompanetz. Alexéi era barítono e Pável tenor não muito forte, mas agradável, e cantavam freqüentemente a canção "Admirlo o céu, pensando por que não sou condor e não vôo..."

Mais tarde, seus caminhos se separaram. Alexéi, depois de concluir o conservatório, cantava em Kiev, enquanto Pável se fazia cosmonauta.

Em fevereiro de 1954, o capitão Láptiev levou-o pela primeira vez, em seu aparelho MIG. Desde então, Pá-

vel já não podia imaginar sua vida fora da aviação. Começou o serviço militar no Exército Norte. Viviu na região ártica em companhia de outros três companheiros, numa casa de madeira. Eram todos solteiros.

Um dia, convidaram Pável a comparecer perante o Estado-Maior do regimento e lhe perguntaram: — Está pronto para voar em novos aparelhos? — Ele respondeu com tranquilidade: — Depende em que aparelhos... — Digamos, por exemplo, os mais modernos, os apulniks... — De acordo! — foi sua resposta pronta.

A 12 de agosto de 1962, a bordo de uma nave cósmica, em torno da Terra, Pável Popóvitch recebia uma mensagem do primeiro-ministro da União Soviética, Nikita Kruschiov, em que se dizia: "Querido Pável Románovitch! Cumprimento-vos cordialmente em nome do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, do governo soviético e em meu próprio nome pelo grande feito que realiza, para glória do povo soviético, de nossa Pátria socialista. Substela ao espaço cósmico, após Andrian Grigóievitch Nicoláiev e, juntamente com ele, realiza um vôo de equipe em torno da Terra. Com este vôo, a União Soviética é a primeira a abrir caminho para os vôos de equipe ao cosmos."

Pável Popóvitch é hoje Herói da União Soviética, o quarto detentor de uma ordem honorífica instituída para os bravos da sua estirpe.

instrumentos e se recordava em voz alta o que devia continuar fazendo. Uma vez cumprida a tarefa do programa, comentava-a e se propunha a seguinte. Aquilo o ajudava a reter de memória a sucessividade de todos os seus atos.

— Agora vejamos a ventilação. Assim: tudo está em ordem.

— Agora ajustemos o binóculo... — Continuou controlando a estação de rádio. Também está em ordem.

— Terminava a comprovação. Pável informa à Terra: — Todos os sistemas funcionam perfeitamente. Sintome bem. Estou pronto para o vôo!

— Lançamento — ordenam da Terra.

Tudo marchava normalmente. O cosmonauta cumpria sem erros as diversas tarefas do programa. Pede permissão para passar ao controle manual da nave. De Terra lhe concedem. Empunha a alavanca de direção, olha pelo visor.

— Ainda não vejo a Terra. As estrêlas se movem da esquerda para a direita.

Passa-se algum tempo. A Terra deveria aparecer na parte esquerda do visor. Mas ainda não se avistava.

— Onde se terá metido a Terra?... ouve-se Pável perguntar tranquilamente.

Por fim ela aparece. O piloto cosmonauta informa que a Terra apareceu ao lado esquerdo do visor, e foram feitas as correções necessárias. Em seguida volta a informar: — Orientei bem a nave...

Com igual precisão Andrian dirigia a sua nave. Na análise dos treinamentos conseguia-se que os cosmonautas atuassem com segurança, tranquilidade e coragem. Agiam como se estivessem num vôo de verdade. O vôo que estava às portas



A PROVA DA CENTRIFUGA

Colocado em uma centrífuga, Pável Popóvitch é submetido a experiências que visam estudar suas reações diante de condições artificiais que reproduzem aproximadamente aquelas com que se defrontaria em seu vôo cósmico. Complexa aparelhagem registra as mínimas variações orgânicas e psíquicas do cosmonauta.

ADRIAN NICOLAIEV: A CALMA GARANTIU-LHE A CONQUISTA DO COSMOS

Como Gagarin, como Titov, como seu companheiro de vôo conjugado Pavel Popóvitch, o piloto do Vostok II, Andrian Nicoláiev, também veio da aviação militar, dos famosos MIG, da pilotagem de provas de novos aparelhos, dos recordes de altitude e velocidade. Sua infância foi a de uma criança de aldeia. Quando seu pai morreu, ele tinha 15 anos. Em sua família, além da mãe, que recebia uma pensão do Estado, havia três crianças. Na fazenda coletiva onde viviam, perdida às margens do rio Volga, na Chuváchia, a existência não era fácil. A mãe, apesar da saúde débil, trabalhava numa granja leiteira para poderem viver. Andrian ajudava-a. Ao mesmo tempo, tinha que estudar e praticar a língua russa, pois falava o idioma de sua nacionalidade.

— Até mesmo no alemão tirava nota boa — recorda hoje Andrian — mas no russo era aprovado apenas plenamente. E, por mais que me ajudasse Cláudia Semionova, a mãe, e mesmo o vice-diretor da escola, Ivá Románov, o russo me dava bastante trabalho.

A questão de onde ir quando terminasse a escola de sete anos não preocupava a família nem o próprio Andrian. A aldeia de Chorchol — que significa Fontes Cristalinas — junto ao Volga, estava localizada nas vinhas de serrarias de madeira. A escola profissional da indústria madeireira instalada em Marinskoposadskai era considerada pelos rapazes da aldeia como o lugar mais apropriado para continuar os estudos.

O irmão mais velho de Andrian, Ivá, estudava ali. Andrian ia lá-lo freqüentemente, a 15 quilômetros, com uma bolsa de batatas.

Andrian instalou-se a princípio, na residência coletiva com seu irmão e mais Leonid Bielov e Nicolai Ivanov. E, embora seus companheiros tivessem muito mais idade, as dificuldades eram igualmente repartidas. O estipêndio mensal que recebiam para estudar dava para alimentar-se pacamente.

Andrian aprendeu a cultivar a terra, a trabalhar na serraria. Sentiu grande alegria quando foi convocado para servir nas forças armadas da URSS. Os médicos do comissariado militar examinaram-no metuculosamente e, ante seu porte e o equilíbrio de seu organismo, disseram: — Apto para a aviação.

Pensou que seria piloto e sentiu-se feliz. Poderia, por acaso, sonhar com isso na aldeia de Chorchol? Tinha que fazer o curso de piloto militar, voar todo um ano em bombardeiros, metido nas incômodas torrinhas das metralhadoras, sob uma cobertura transparente, e trabalhar como escrevente da esquadilha antes de matricular-se na Escola de Aviação.

Em janeiro de 1953, levantou vôo, de um dos aeródromos da Quirguízia,

num pequeno IAK-II. Era seu primeiro vôo independente...

Em 1957, o jovem piloto de caça candidatou-se a membro do Partido Comunista da União Soviética. Pela manhã, devia reunir-se ao birô do Partido, e pela manhã... Pela manhã faliu o motor do avião à altura de 6 mil metros... No momento de maior tensão, Andrian disse para consigo mesmo:

— Antes de tudo, calma... Com que entusiasmo falaram no birô do Partido sobre este jovem e valente piloto e com que entusiasmo seus amigos do regimento votaram "a favor" de seu ingresso no Partido. E, talvez, precisamente por isso, foi um dos primeiros a serem convidados a comparecer ao Estado-Maior, onde médicos que lhe desconheciam fizeram a pergunta habitual:

— Desejaria voar em novos aparelhos? — Sim, naturalmente. — E em foguetes, em satélites da Terra? Sentiu uma grande emoção e felicidade. — Creio que sim.

Num hospital de Moscou passou pela comissão, juntamente com Yuri Gagarin e com aquele que seria seu parceiro de vôo duplo, Popóvitch.

Quanto às provas e treinamentos de todos os cosmonautas soviéticos. Com a diferença de que Andrian não compunha versos na cabina hermética nem desenhava retratos, mas se ocupava em ler a novela de Remarque, Três Amigos. Muitas vezes, maldizia os detetores que se desprendiam do lugar em situação de imponderabilidade.

— Naquele minúsculo aposento, onde tudo era artificial, onde remava um silêncio de enlouquecer, eu recordava a calma dos bosques de minha terra. Conheces os bosques da Chuváchia? Sopra a brisa que vem do rio e cada álamo exala frescor.

Mas para ele não havia dificuldades, guiando-se pela sua máxima: "Antes de tudo, calma". No destacamento onde treinava agora, Andrian afirmou uma vez mais seu credo nas circunstâncias mais imprevisíveis. Nos exames finais, quando o primeiro grupo de pilotos de caça era examinado para obter o título de cosmonauta, um dos examinadores torturava Andrian com as mais complexas perguntas, e, por fim, colocou uma hipótese em que sua nave parecia estar num beco-sem-saída.

— Então, qual a sua decisão, jovem? Restam apenas parcelas de segundos para tomá-la... Andrian respondeu com voz pausada: — Antes de tudo, calma... Os cosmonautas seus amigos puseram-se a rir. Pensaram que o jovem queria assumir ares de importância. Mas, enquanto o examinador reprimia o sorriso, Andrian conseguiu encontrar a única decisão justa e a explicou sem pressa e com clareza.

Canto de Pagina Jorgo Amado Enleia

Hoje, no MAM, será homenageado pelos seus amigos, Jorgo Amado. Nos seus cinquenta anos de vida que agora comemora, Jorgo desde cedo sentiu, viveu e conviveu com os problemas de seu povo, de nosso país e a necessidade universal. Seu primeiro livro, "O País do Carnaval", é, sem dúvida, não apenas o drama de sua geração ansiosa por encontrar um caminho, mas também uma tomada de posição. "Cacau", "Bor", "Jubiaba", "Mar Morto", "Capitães de Areia", sempre o povo da Bahia, sempre os problemas do povo baiano, impregnados todos os lirismos que jamais abandona Jorgo Amado, mas nem por isso menos dolorosos em sua essência. "Terras do Bem Fim", "ABC de Castro Alves", a "Vida de Luiz Carlos Prestes" (de quem foi o primeiro biógrafo) e a reação apontando-o com o dedo, queimando seus livros, tentando esmagar o nome jovem mas já afirmativo de Jorgo Amado que continua escrevendo, fazendo-se homem de Partido, viajando, capaz de em qualquer parte do mundo ter sempre os olhos e sentimentos tomados pela Bahia, seu povo, suas reivindicações, suas lutas. "J. Jorgo de Azevedo", "Jornal de Santos", deputado federal e seu nome correndo mundo, seus livros sendo traduzidos em todas as línguas, conhecido e amado pelos povos tanto dos países socialistas como os do chamado mundo ocidental. "Seara Vermelha", participante sempre dos movimentos nacionais e internacionais pela paz, pela liberdade, pela autodeterminação dos povos, escreve na Tchecoslováquia "O Mundo da Paz", "Subterrâneos da Liberdade" e em 1951 recebe o Prêmio Stálin Internacional da Paz. "Gabriela, Cravo e Canela", "Os Velhos Marinheiros", e entrada para a Academia de Letras. "Penso assim poder afirmar: — disse na abertura de sua posse — que chego à vossa ilustre companhia pela mão do povo, pela fidelidade conservada aos seus problemas, pela lealdade com que procurei servir, tentando fazer de minha obra arma de sua batalha contra a opressão e pela liberdade, contra a miséria, o subdesenvolvimento e pelo progresso e a fartura, contra a tirania e o pessimismo, pela alegria e a confiança no futuro".

Não tenho pretensões, numa crônica, de fazer um estudo crítico da obra de Jorgo Amado nem tampouco apresentar cronologicamente seus livros. Claro que em certos momentos divergimos de Jorgo Amado politicamente. Mas é impossível deixar de amá-lo pelas suas qualidades de escritor, pela sua obra e pelas suas qualidades de homem, errando muitas vezes, mas muitas vezes acertando.

Topicos Tipicos Pedro Severino

Na terça-feira da semana passada — dia em que todo mundo falava dos dois cosmonautas soviéticos, então no auge da sua façanha — o professor Gustavo Corção escreveu, no *Diário de Notícias*, um artigo sobre os marinheiros norte-americanos do *Constellation*.

O *Constellation* trouxe algumas centenas de marinheiros norte-americanos que, segundo o professor Corção, encantaram os cariocas. No opinião do professor, os cariocas — como, aliás, os brasileiros, em geral — "não gostam dos Estados Unidos, mas amam o marinheiro americano".

Surpreendido com a afirmação do professor Corção, perguntei a algumas dezenas de conhecidos meus: "Você ama o marinheiro americano?" As respostas foram todas impublicáveis. Ninguém deles amava o marinheiro americano. Deduzi do rápido inquérito, por conseguinte, que o professor não estava laborando em acerto. Deduzi mais: que o professor estava generalizando um sentimento pessoal, muito particular. E obtive a pronta confirmação da minha idéia no exame do resto do artigo do professor Corção.

De fato, o inclito mestre de eletrônica manifesta especial ternura pelos "rapazes altos", verdadeiros "meninos ingênuos", que são os marujos do Tio Sam. Uma ternura que tem inclusive toques delicados, de uma delicadeza quase feminina. "Os marinheiros americanos — observa Corção — têm todos cara de criança, corpo de criança, riso de criança".

So o amor, efetivamente, poderia ditar observações como esta de que os latagões da marinha estadunidense têm "corpo de criança". Trata-se, visivelmente, de um arroubo de afeto.

O professor Corção mostra, em seu artigo, um feltro meigo que ninguém imaginaria escondido no trato seco que caracteriza a sua pessoa. O professor ama o marinheiro americano e ninguém tem nada com isso.

O que não está certo é generalizar este amor e atribuí-lo ao povo brasileiro. Os brasileiros — e eu quero aqui lavar o meu mais veemente protesto — não amam o marinheiro americano. Se o professor tiver dúvida, sugiro que emprendamos um inquérito mais amplo do que aquele que eu já fiz por minha conta e façamos a todos os cariocas a pergunta: "Você ama o marinheiro americano?"

Garanto que, no fim, só iamos ter como resposta afirmativa a do próprio professor Corção e a de algumas mariposas de Copacabana, que responderiam "sim" por deficiência de sutileza na compreensão da pergunta.



A LONGA ESPERA SÓZINHO

A barba crescida tornava-lhe o rosto cansado. Os longos dias, passados isolado na cabina de provas, separado completamente do mundo exterior, representavam um dos mais duros testes que Andrian Nicoláiev, como seus colegas, tinha de superar, em seu exigente preparo para o grande vôo. O olhar, no entanto, guardava a esperança de êxito. Andrian foi um dos escolhidos para o grande feito.



GAGARIN E NIKOLAIEV

Treïnaram juntos na escola de cosmonautas. Gagarin, já com a experiência do primeiro vôo cósmico do homem, era um colega inestimável. Nos treinamentos coletivos, todos demonstraram, sempre, a maior dedicação e desejo de superar qualquer limitação. O grupo de cosmonautas que se acha sendo preparado para futuros vôos cósmicos é composto de elementos selecionados por um processo de provas que exigem alta capacidade física e completo domínio psíquico.



UM NOVO CONTO-DE-FADAS

Para a avózinha, há poucos anos, o vôo do homem era assunto de belos contos-de-fadas, que contava para os netinhos curiosos. Duas gerações encontram-se diante da

grandeza do feito astronáutico e sorriem. Olla e Tania, filhas de Pável Popóvitch, compartilham com a avó paterna a alegria pelo êxito de seu pai.

MANGUEIRA DÁ SAMBA E BELEZA TAMBÉM: VANLIR

A famosa Estação Primeira já tem candidata inscrita no concurso de Rainha da Primavera, promovido por NOVOS RUMOS na Campanha para ajudar a eleger os candidatos nacionalistas e democráticos no próximo pleito de 7 de outubro.

Vanlir Feçanha, que é operária numa fábrica de calçados, foi lançada por uma comissão de moradores de Mangueira, que tudo fará para o bairro brilhar na

festa da Rainha como brilha no samba.

Vanlir já tem um plano de trabalho bem delineado, com festas e piqueniques programados. Muito conhecida no bairro, e com enorme círculo de amigos, a candidata de Mangueira conta com grande número de cabos eleitorais, que são os seus pontos de apoio na campanha pela conquista do cetro de Rainha da Primavera.

Padre Aloísio Guerra: Este Congresso Não Vota a Reforma Agrária

JOAO FERRO, PB (Do correspondente) — «Não acredito absolutamente em este Congresso que ali está seja capaz de votar a reforma agrária» — disse em entrevista à imprensa paranaense, o padre Aloísio Guerra, jovem secretário do Arcebispado de Campina Grande. E prosseguiu: «Não temos ninguém representando o povo no Parlamento, com felizes exceções. Quinhentos mil cruzados mensais para representar um povo faminto? Não. Representam apenas os seus interesses pessoais, ou de grupos econômicos. Nunca, porém, o povo. A não ser que a reforma agrária seja um paliativo venenoso, seja mala uma proteção para os superprotegidos latifundiários, só assim esse Congresso poderá fazer milagres...»

Mas adverte o sacerdote, homem ligado às lutas do povo: «Que ninguém se engane. O povo não é mais a massa que era. Já está tomando consciência de seus direitos usurpados, negados sempre. Quem puder entender, entenda. O momento nacional é grave. Dequi a pouco começaremos a ouvir a mentira de que reina completa calma em todo o país. E isto não devemos desejar.»

chanceleres americanos em Punta del Este, o padre Aloísio Guerra declarou: «Enquanto o Papa recebe o novo embaixador cubano no Vaticano os superlatados do Brasil, talvez Brasil com a querem voltar nosa relação diplomática com aquele país. O imperialismo americano, na América Latina, é mais forte do que se pensa. A posição de alguns brasileiros nos faz correr vergonha, e já não falo de jornalistas vendidos, mas de dirigentes nacionais. Cuba é mais do que uma pequena ilha. É um símbolo. É um grito de coragem nesta pobre e melancólica América.»

E sobre a conferência de Punta del Este: «A reunião de consulta dos chanceleres foi o exercício do poderio norte-americano sobre a OEA. Não se pode negar os aspectos positivos, muitos dos quais graças ao medo de que outras Cubas apareçam. A posição brasileira na conferência só merece elogios. Foi uma posição que

nos tornou respeitados. Deixemos a carta da ONU. Os embaixadores não tinham autoridade para fazer o que fizeram com relação a Cuba. Negando a autodeterminação negaram a carta da ONU.»

MARCHAMOS PARA UM MUNDO NOVO

Falando sobre a participação dos sacerdotes nos movimentos de redenção popular, o padre Aloísio Guerra acentuou: «O padre não pode ficar indiferente à questão social. Em muitas oportunidades na história vemos a presença do clero. Sria terrível vê-lo ausente agora, numa hora tremenda como esta, hora de transição, suspensão e mesmo de confusão.»

«Marchamos para um mundo novo» — disse o padre Guerra. E acentuou: «Ali de nós se os cristãos negarem seu testemunho, sua presença, cruzando os braços.»

MARCO ANTÔNIO AOS LOCATÁRIOS DO IAPI: EXIGIR REVOGAÇÃO DO DECRETO QUE MANDA VENDER CASAS E APARTAMENTOS

O jornalista Marco Antônio Coelho foi convidado e compareceu, domingo, dia 19 de agosto, a uma reunião do Conselho dos Locatários do Conjunto Residencial do IAPI, em Realengo, onde foi discutido o decreto n.º 1.222, de 28 de junho de 1962.

Falaram diversos moradores locais, todos mostrando e criticando o absurdo das providências do decreto 1.222.

O CAMINHO

Em seu discurso, o jornalista Marco Antônio Coelho mostrou que discordava da proposta do candidato lacerdista, pois os trabalhadores deviam lutar pela revogação completa do decreto.

E explicou que esse "plano de venda" é uma forma de tomar os apartamentos e casas de homens que ali residem há muitos anos, alguns há mais de 20, que não deviam estar nem pagando mais o aluguel. Pelo decreto, o preço dos apartamentos será calculado por seu valor atual, e nenhum tra-

balhador dispõe de 1 milhão, 1 milhão e meio, para comprar os imóveis.

O jornalista mostrou que o problema tem que ser colocado em bases completamente diferentes. Os institutos de previdência devem construir casas para os trabalhadores, principalmente para os que ganham o mínimo, e não construir casas para os trabalhadores. Isso será possível se os institutos não desviarem seus recursos para obras que nada têm a ver com a previdência social, e se receberem dos patrões e do governo a parte que lhes cabe.

«O caminho, portanto», concluiu Marco Antônio, «é o da luta contra o decreto, exigindo sua revogação, o que será possível através de luta organizada de todos os moradores dos conjuntos residenciais.»

Homenagem a Jorge Amado

Amigos de Jorge Amado vão prestar-lhe uma homenagem pelo transcurso do quinquagésimo aniversário de nascimento do romancista. O ato se realizará no Museu de Arte Moderna, no dia 23, às 19 horas. Entre os promotores da homenagem encontram-se Anísio Teixeira, Carlos Ribeiro, Enio Silveira, Enéida, Dias Gomes, José de Barros Martins, José Olímpio, Djalmas Ridel, Maria Martins, Paschoal Carlos Magno e Raimundo Magalhães Junior.

Convites para o ato podem ser encontrados nas Livrarias Civilização Brasileira, São José e José Olímpio.

A Cidade

SENTIMENTALISMO BARATO

Anna Montenegro

Morreu uma atriz de cinema nos Estados Unidos. E, aqui, um homem matou a mulher e os quatro filhos, suicidando-se em seguida. Dizem que a solidão matou Marilyn Monroe. Mas foi de fome que morreu a família de seis pessoas. Uma notícia — a da morte da atriz — ocupou várias colunas de todos os jornais. A outra foi registrada em poucas linhas, quase escondida. Sem qualquer sensacionalismo. Todos os dias morre gente de fome. Morrem 2 000 crianças, diariamente, no Brasil. Para que lamentá-las? Mas não é todos os dias que morre uma atriz, de solidão. Embora muito se tenha repetido, a propósito, que não só de pão vive o homem e, portanto, não só de riqueza e beleza vive uma infeliz mulher americana, o pão foi liberado e muitas crianças deixarão de comê-lo. E deixarão, também, de viver. Pão custa caro. Para comprar um quilo de pão, um trabalhador, que receba o salário mínimo, terá que trabalhar quase duas horas. Como se vê, o sentimentalismo é muito mais barato do que o pão. Pode derramar-se pelas colunas dos jornais. Sentimentalismo é algo que os americanos ainda não puderam enlatar e monopolizar. Assim, qualquer subdesenvolvido pode gastá-lo, sem que seja uma forma muito apropriada para desviar a atenção dos problemas causados pelos "trusts". Mas o trigo não pode ser gasto tão fartamente, porque pertence a um "trust", que impõe os acordos e os preços. Agrade-lhes muito mais as lágrimas pela morte de uma atriz de cinema do que um protesto pelo destino trágico de uma família de seis pessoas, que não conheceram a solidão. Num barraco existem, sempre, muitas presenças.

Afinal de contas, o capitalismo tem os seus conceitos de amor, de felicidade, de vida e de morte. São conceitos muito particulares, entre os quais não se incluem nem notícias nos jornais e nem lágrimas por uma família que não conheceu a solidão, mas conheceu o desespero extremo de fome. Mesmo na vida, o capitalismo transforma os homens em solitários e famintos.

Um admirador de Marilyn Monroe enfeitou o seu esquadro com 50 dólares de rosas vermelhas. Mas quem mandou as rosas para as crianças que morrem de fome? Não se vê encontradas nos jardins, tantas rosas vermelhas para tanta crianças...

DIREITO A SOBREVIVÊNCIA

Padre Guerra faz questão de insistir em que isso sempre abordando os problemas de uma perspectiva católica. Assim, respondendo a uma pergunta sobre se seria condenável que as organizações camponesas se transformassem em um movimento revolucionário, afirmou: «A encíclica Mãe e Mestre é clara demais nos direitos do camponês. Ali estão revidicadas muitas maiores do que as que advogam as Ligas. E o Papa não é nenhum comunista, ainda que no Brasil já possa estar ficando...» E continua: «Ora, direitos são direitos. Atendê-los não é nenhum favor. Não atendê-los é acender o estopim revolucionário. Os ricos se esperneiam para salvar o que não é deles por direito natural. Fazem o impossível. Por que não deviam fazer o mesmo os pobres, na busca do que é realmente um direito: a sobrevivência?»

CUBA É GRITO DE CORAGEM

Perguntado sobre se gostaria de dizer algo sobre Cuba e sobre a reunião dos

26 DE JULHO EM MANAUS

Manaus, Amazonas (Do correspondente) — Várias manifestações marcaram a comemoração do dia 26 de julho nesta capital. Associações de classes, grêmios estudantis e diversas organizações populares promoveram atos, resultando a importância para os povos de toda a América Latina do feito épico de Fidel Castro e seus companheiros, ao assaltarem o quartel de

Moncada em 1961, iniciando a fase decisiva da luta de libertação da Cuba.

Na Câmara Municipal o vereador Othon Mendes, do PSD, proferiu discurso de exaltação ao significado da data e do ataque à fortaleza que era um dos principais sustentáculos da tirania que mantinha Cuba por muitos anos na miséria e na opressão.

O DECRETO

O decreto 1.222 foi um dos últimos atos do governo Tancredo Neves, ao referendado pelo ministro Franco Montoro, o mesmo que fez a tão alardeada demagogia do plano de habitação.

O decreto estabelece que os imóveis não rentáveis e não diretamente utilizados pelo instituto devem ser vendidos, e que as casas e apartamentos alugados fora do regime da portaria CNT-9ª serão tomados de seus locatários imediatamente após o falecimento do trabalhador chefe da família al residente.

A medida, como facilmente se constata, é uma covarde violência contra as vívidas dos trabalhadores e seus filhos, que, com a perda do chefe da família, ficam sem lugar onde morar.

LACERDISTA ESCORRAÇADO

Estava presente à reunião um candidato a deputado lacerdista, o ex-delegado do IAPI Sérgio Nogueira, que fez um discurso lembrando de saída aos ouvintes que ali estava em campanha eleitoral.

A infeliz lembrança do lacerdista foi rebatida por um trabalhador com o seguinte aparte:

«O senhor não acha incrível vir aqui como candidato de um partido odiado pelos trabalhadores e sendo amigo do governador Lacerda, que é inimigo dos trabalhadores?»

O candidato calou então em confusas explicações, chegando até a elogiar os comunistas. Embora dizendo combater o decreto, propôs, no fim, que os trabalhadores pressionassem para que na regulamentação do decreto fossem corrigidas certas falhas.



O jornalista Marco Antônio Coelho, quando falou aos moradores do conjunto residencial do IAPI, em Realengo

visite a EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL da REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

de 3 a 26 de Agosto

Museu de Arte Moderna
Parque Ibirapuera
Salão da Bienal

ENTRADA FRANCA

Aberta diariamente das 15 às 23 hs.
Fechada às 2^{as} feiras.

Em colaboração com a Prefeitura Municipal de São Paulo

A NOSSA EXPOSIÇÃO OFERECE:

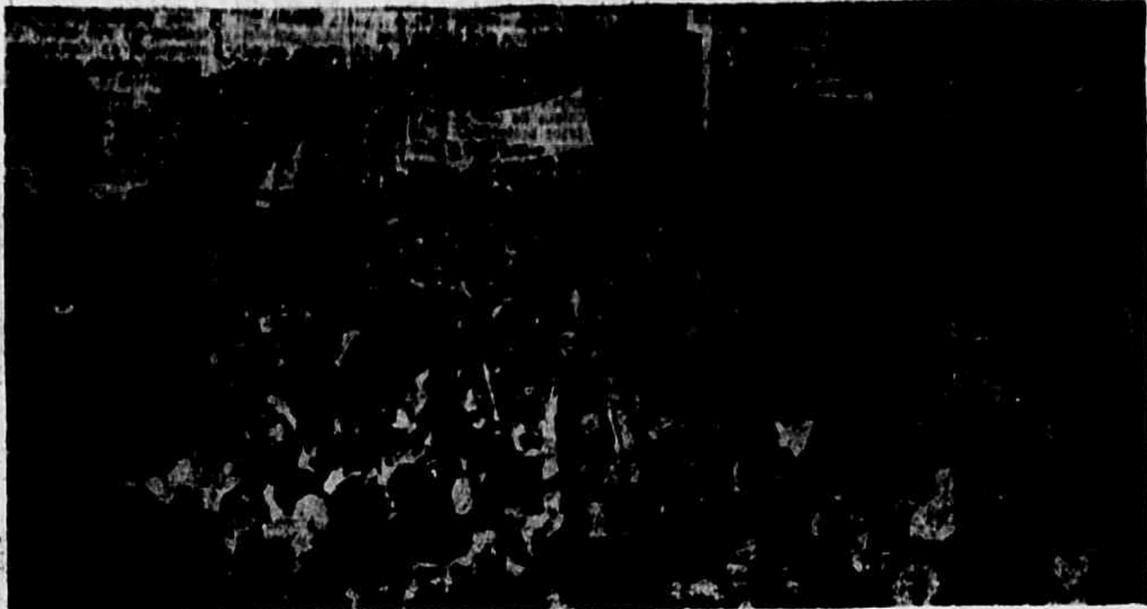
Ao comerciante
e economista uma visão perfeita da mais variada oferta de produtos da RDA e da possibilidade de vantajoso intercâmbio comercial.

Ao industrial
importantes informações sobre o alto nível da produção industrial da RDA e sobre o vasto plano para a expansão e modernização da sua empresa.

Ao visitante
a oportunidade de se informar sobre a República Democrática Alemã e a grande capacidade dos seus operários, técnicos e cientistas.

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO!

Grátis — Exibição de Filmes Infantis, Técnicos e Culturais — Distribuição de Brindes



UNIDADE A demonstração de unidade, força e organização das ligas camponesas da Paraíba foi uma reafirmação da decisão dos trabalhadores rurais de prosseguir na sua luta pela terra, pela reforma agrária, pelas reivindicações imediatas que possuem para melhorar de suas terríveis condições de vida. Esta foto mostra uma parte dos manifestantes do dia 29 de julho no Parque Solon de Lucena, no centro da cidade de João Pessoa.

As Ligas Camponesas da Paraíba

Latifundiários Ameaçam Pegar em Armas Contra a Reforma Agrária

de Rui Facó, enviado especial de NR (1ª de uma série de reportagens)

O movimento camponês organizado na Paraíba está entrando numa fase acendradamente política. Ou melhor, a política partidária passou a ser o eixo por todos os lados. Não é uma novidade para o pobre trabalhador agrícola ser objeto desta política que ele aprendeu a praticar no nome, o coronel lhe deu uma sedução para atingir o candidato de sua preferência. Esse voto obrigatório que ainda hoje existe no Nordeste, e não só no Nordeste, vale libertando pouco a pouco da influência do coronel. Passou, nos últimos anos, a ser disputado pela burguesia comercial, pelos políticos das chamadas profissões liberais, especialmente os médicos e advogados. Hoje, todos o procuram quando uma parcela do campesinato pobre desperta e começa a ganhar consciência de seus direitos e a lutar por eles.

Não foi surpresa para mim registrar na Paraíba e em Pernambuco, entre fins de julho e começo de agosto, esta série de acontecimentos diretamente ligados ao despertar da massa camponesa:

- 1 — Visita do presidente da República a João Pessoa para assistir a uma demonstração de unidade e força das Ligas Camponesas;
- 2 — A fundação de postos do SAMDU em municípios onde as Ligas são mais poderosas e influentes;
- 3 — Uma Conferência Evangélica em Recife, com a participação de personalidades nordestinas — como o economista Celso Furtado e o sociólogo Gilberto Freyre, vagamente anunciada em cartazes nas ruas da capital do Nordeste: «Cristo e o Processo Revolucionário»;
- 4 — Novas investidas do comando da 7ª Região Militar contra as Ligas Camponesas, ao mesmo tempo que o comandante da Região, general Muricy, participava de uma assembléia promovida pelo clero católico e anunciada pela imprensa local como «Um União do Exército e da Igreja em torno da sindicalização rural».

Tudo isto acontece depois da ofensiva fracassada dos latifundiários paraibanos contra as Ligas e da resposta das massas camponesas organizadas quando do assassinato de alguns de seus dirigentes: potentes manifestações de rua em João Pessoa e Sapé.

Não esquecer que há poucos meses o então ministro da Agricultura visitava Sapé, sede da maior liga camponesa do Nordeste, e que a Aliança para o Progresso está derramando all vultosas verbas com o evidente propósito de desviar o movimento camponês de seu leito revolucionário.

Estes fatos indicam o quanto o movimento camponês, incipiente ainda, inquieto e alarma alguns setores das classes dominantes. A estes setores interessa hoje uma questão em que até agora não chegaram a um acordo: COMO ENFRENTAR O MOVIMENTO CAM-PONES.

Há pouco tempo os latifundiários nordestinos acreditavam poder esmagar a força da Liga de Sapé, João Pedro Teixeira) procurava o governador da Paraíba, Pedro Gondim, e pediu-lhe uma força de polícia para suas fazendas. O governador respondeu-lhe que, se o atenderia se ocorresse algum choque armado. Veloso Borges não se satisfaz. Dirigi-se ao comando do 15.º RI e quisou-se ao coronel Caul que o governo lhe havia recusado «proteção», pois se considerava ameaçado pelas Ligas. O coronel aconselhou-o que se armasse.

Se eu fosse você já tinha feito isto! acrescentou o coronel.

Na realidade, ele se havia antecipado de há muito ao conselho da autoridade militar; é uma tradição em suas fazendas a capangada armada e municionada.

Agnaldo Veloso Borges é apenas um entre os grandes latifundiários nordestinos mais em evidência na luta aberta que travam desesperadamente para manter a ferro e fogo a atual estrutura agrária que se esboroa. Não é um caso isolado, nem mesmo raro. Contudo, me uma autoridade judiciária em João Pessoa que um latifundiário de Mamanguape o procurou certo dia, alarmado, e contou-lhe:

— Dr., só uma ditadura do Exército pode salvar-nos, pois a reforma agrária seria a tomada das terras e nós não poderíamos pagar trabalhador sindicalizado, com salário mínimo e direito a férias!

E acrescentava com ar de desespero:

— Tenho algumas dezenas de moradores em minha fazenda. O primeiro que chegar com caderneta (das Ligas Camponesas) entrará no cipó de bol! Estou disposto a resistir com armas à reforma agrária!

Em recente congresso da Associação dos grandes proprietários de terra, fundada como réplica às Ligas Camponesas, o latifundiário Argeu de Castro afirmava, na presença do chefe do governo do Estado, que se fosse aprovado o projeto de reforma agrária o latifúndio recorreria às armas.

Pouco antes fora assassinado João Pedro Teixeira, caíra sem vida o camponês Alfredo Nascimento, Pedro Fazendeiro, salta gravemente ferido de um atentado de capangas dos coronéis paraibanos. Nesse último encontro os latifundiários perdiam dois bandidos.

REFORMA E ENGODO

O aguçamento da luta no campo na Paraíba, as demonstrações de massa realizadas pelos camponeses após os crimes contra eles praticados, o crescimento ininterrupto das Ligas Camponesas e sua proliferação no Nordeste — particularmente bem organizadas e

atuantes na Paraíba — tiveram como efeitos das classes dominantes a adotar novas táticas para amortecer ou desviar de seu curso natural — em última análise a luta pela terra — o impetuoso movimento.

Acreditam alguns que poderiam fazer, e se esforçam neste sentido. Temem outros que o façam, e se opõem ao que chamam de «medidas reformistas». Os primeiros supõem que ainda conseguirão enganar o camponês desparado, sem conhecer o grau de consciência a que ele já atingiu, desde que se meteu na luta das Ligas, a elas se filiou depois de muito pensar e vacilar e medir todas as consequências. Os segundos têm receio de que o camponês se deixe enganar e então se contente com medidas paliativas, abandonando o fundamental, que é a luta contra o latifúndio.

Desconhecem ambos a profunda miséria em que está mergulhada a massa camponesa pobre, em especial no Nordeste. Desconhecem também que este comêço de despertar não é obra ou aceno nem artifício de algum mágico messias. É um imperativo da própria decadência do latifúndio semifeudal, gerando as forças que haverão de destruí-lo. Estas forças não podem mais ser astuciosas ou desviadas, quaisquer que sejam as táticas que se adotem para com elas. Se os primeiros participantes das Ligas Camponesas se contentavam, há poucos anos, com medidas de ordem jurídica para favorecer-las a uma ameaça de despejo, à cobrança de rendas escorchantes pelo latifúndio ou na luta por aumento de salários, hoje isto já lhes parece pouco, muito pouco. Querem terra. Enfrentam uma situação superior na luta que vêm travando contra o latifúndio.

Tive uma perfeita idéia disso no dia 29 de julho, quando da visita do presidente da República a João Pessoa. A massa camponesa procedente dos municípios onde funcionam as Ligas — não mais de uma dezena — invadiu literalmente a capital paraibana, cuja população é de uns 150 mil habitantes. Naquela domingo tranquilo, os 200 ônibus e caminhões, os 12 vagões ferroviários, literalmente repletos de trabalhadores rurais — muitos em pé nos veículos — despejaram em João Pessoa cerca de 12.000 camponeses. Desde a Praça da Estação, pelas ruas centrais da cidade, até o Parque Solon de Lucena, a grande massa de homens rústicos, com sua roupa de brim, suas alpargatas, seus intalíveis chapéus, deu a nota dominante em meio à multidão. Era o campo na cidade. Nada de demonstrações de alegria ou entusiasmo. Era uma presença sóbria, mas grave, pesada, impressionante. Ali estavam não para tributar homenagem ao Presidente, mas para com ele se encontrarem e dizer-lhe que existiam, que se haviam levantado, que se estavam constituindo numa força que reclama voz ativa nos assuntos do país.

Vi a frieza com que receberam o discurso indefinido e tímido do governador Pedro Gondim — porque o

governador não fez uma referência sequer às Ligas Camponesas, a seu movimento. A sua luta pela reforma agrária, Gondim parecia um homem entre dois fogos. Entre o poder econômico e a influência política que ainda possuem os latifundiários, de um lado, e o despertar da massa camponesa, de outro, parecia um homem atarracado. Devo acrescentar que o governador Gondim tem resistido muitas vezes a pressões dos latifundiários contra as Ligas, mantendo atitudes democráticas. Mas parece trazer uma quebra de equilíbrio, recear que as vagas do movimento camponês vão rebarbear inala fortemente as portas do Palácio. Pretende conservar-se neutro entre duas tendências — antagonizadas: a das Ligas, que reclamam terra, e a dos latifundiários, tradicionalistas e retrógrados, que se aferram de unha e dente a seus feudos imensos e aos privilégios antigos, ambos ameaçados.

Que aplaudiram os camponeses no discurso de Gondim? As palavras em que se referiu às Ligas Camponesas, à necessidade de reforma agrária. E não foram nunca aplausos calorosos, porque as definições eram cautelosas e algumas vezes conciliatórias com os inimigos da reforma agrária — os inimigos da massa camponesa.

E no entanto os milhares de representantes das Ligas ali concentrados no Parque Solon de Lucena — com suas faixas e cartazes reclamando terra para cultivar — sabiam aplaudir com ardor e entusiasmo. Assim o fizeram, antes da abertura do ato oficial, quando um jovem e anônimo estudante lhes falou com a espontaneidade e o calor natural da juventude e disse:

— Os latifundiários estão armados para atacar as Ligas. Os latifundiários têm armas que são privativas do Exército. Quem as fornece? É preciso desarmar o latifúndio!

A aparente frieza daquela massa de homens comidos reagiu num clamor unânime de gritos e de palmas.

VITÓRIA

A visita presidencial terminou com uma sensação de vitória das Ligas Camponesas. Havia um saldo altamente positivo para as jovens organizações do campesinato pobre: o seu reconhecimento de fato pelo governo central. Talvez este reconhecimento não tivesse grande importância se não se houvesse travado uma autêntica batalha política contra a visita do chefe do governo à Paraíba. Os grandes latifundiários nordestinos tudo fizeram para impedi-la ou adidi-la indefinidamente. Trataram de enviar emissários a Brasília com este objetivo. Deram entrevistas à imprensa e fizeram declarações terminantes condenando a visita presidencial. Tentaram, por fim, impedir que falasse na demonstração dos camponeses o presidente da Federação das Ligas paraibanas, o agrônomo Assis Lemos, apontando-o como co-

munista. Quando todas as manobras dos latifundiários malograram, lançaram um manifesto considerável de Goulart: «um visitante indesejável». Um volante distribuído em nome da Associação dos Proprietários Rurais do Estado da Paraíba no dia da demonstração das Ligas em João Pessoa contém este trecho digno de ser registrado: «Evidentemente, os proprietários rurais da Paraíba e demais componentes das classes produtoras caíram em um logro. Primariamente, convenceram-nos a cancelar o envio do emissário ao Rio e à Brasília, para levar memorial ao primeiro magistrado do País, esclarecendo-lhe do que aqui se passava. Depois divulgaram a notícia de que Sua Excelência não mais viria à Paraíba, ou se visse não seria nunca para dar estímulo às atividades das camponesas. Depois fizeram crer que o presidente João Goulart aceitaría as demonstrações de apoio de todos os camponeses sociais e, portanto, também dos proprietários rurais do Estado. Por último, essa recepção se tornou inviável, sob a alegação de que não seria lícito alterar o programa pré-estabelecido. E tal desculpa nos foi dada já a última hora quando não seria possível mais pôr em prática o plano primitivo, do comício de protesto».

Nada melhor do que estas palavras poderia expressar o desespero e a derrota dos latifundiários ante a demonstração de unidade e força da massa camponesa, em plena capital da Paraíba. As Ligas venceram mais esta escaramuça. Pode haver alguma dúvida de que o mais sério — o que mais temem os latifundiários neste momento — vai agora acontecer: o fortalecimento das Ligas e sua crescente proliferação por todo o País?

NOVOS RUMOS

Diretor: Mario Alves
Diretor Executivo: Orlando Bonfim Junior
Redator Chefe: Pragmon Borges
Gerente: Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco, 227, 9º andar S/805
TELEFONES DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
Tel.: 35-0453

Energeticamente
«NOVOS RUMOS»

ASSINATURAS:

Anual	Cr\$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 130,00
Número avulso	» 10,00
Número atrasado	» 16,00

ASSINATURA ABRETA
Anual Cr\$ 1.500,00
Semestral » 800,00
Trimestral » 500,00

S.º andar S/817

MOREIRA SALES IMPEDE APURAÇÃO DO ESCÂNDALO BRASIL LESADO EM MAIS DE SEIS MILHÕES DE DÓLARES POR COMPANHIAS AMERICANAS: FRAUDE CAMBIAL NA EXPORTAÇÃO DO CAFÉ

Através da prática de uma das mais audaciosas fraudes cambiais de que se tem notícia as firmas americanas Otis, McAllister & Co. e sua subsidiária Hard & Rand Inc., operando no comércio da exportação de café, lesaram durante três anos seguidos o Banco do Brasil, roubando ao nosso país a fabulosa soma de seis milhões e quatrocentos e setenta e quatro mil dólares. Por trás das firmas autoras do furto está o Bank of America, a maior organização bancária do mundo, em depósitos e capital.

MOREIRA SALES NA NEGOCIAÇÃO

Comprovada toda a extensão da fraude o Banco do Brasil enviou para os Estados Unidos, para São Francisco da Califórnia, um alto funcionário, de nome Cadaval, para tentar reaver o prejuízo. Aquel funcionário solicitou ao Banco do Brasil instruções para acionar o Bank of America, inspirador da negociação. Mas não foi atendido. O sr. Moreira Sales, ministro da Fazenda, não permite a medida: sua principal organização, o Banco Moreira Sales, é ligada à casa bancária lanque, da qual vem de conseguir vultoso empréstimo.

A FRAUDE

O golpe aplicado pelas firmas lanques consistia na emissão, por Hard & Rand Inc., firma que desde 1938 deixara de existir, pois fundira-se com Otis, McAllister & Co., de cambiais de exportação de café, das quais se beneficiava a última companhia citada. As cambiais eram emitidas desacompanhadas dos documentos de embarque do produto. A manobra foi praticada com absoluto êxito por três anos consecutivos. E embora hoje o Banco do Brasil anuncie providências voltadas para a recuperação da importância furtada aos nossos cofres, diz-se que na época da execução da fraude o nosso estabelecimento de crédito descontava as cambiais sabendo que a firma Hard & Rand Inc. era fantasma, não mais existia.

GOVERNO CONFESSA

Respondendo a um requerimento de informações no qual o deputado José Silveira (PTB, Paraná) solicitara esclarecimentos a respeito do escândalo, o governo

brasileiro, em documento assinado pelo então primeiro-ministro Tancredo Neves, e datado de 30 de abril do corrente ano, após discriminar o montante do dinheiro roubado à Nação pelas companhias norte-americanas, conta assim a história da fraude: «A fraude que estamos arguindo em processo falencial consiste, em antea-se, no que se segue. Em setembro de 1958, a firma Hard & Rand Inc. fundiu-se com Otis, McAllister & Co., cessando desde então a sua existência legal, nos termos da legislação do Estado da Califórnia. Não obstante isso, os saques contra aquela firma — que continuavam a ser descontados, como anteriormente, pelo Banco do Brasil, o qual desconhecia aquela ocorrência e a ser por este negociada com o Bank of National Trust & Savings Association — eram aceitos em nome da referida firma por prepostos de Otis, McAllister & Co. Isso aconteceu durante cerca de três anos, mas não foi descoberto pelo Banco do Brasil senão em fevereiro último... Em outro trecho, a resposta ao requerimento de informações, firmada pelo sr. Tancredo Neves, diz: «O certo é que o comportamento de Otis, McAllister & Co., que chegou inclusive a firmar os aceites dos títulos em nome de Hard & Rand Inc., para ocultar o golpe do Brasil o desaparecimento desta, levou este estabelecimento a manter inalteradas as facilidades de crédito concedidas, as quais, de outro modo, teriam sido fatalmente reduzidas, senão mesmo canceladas».

A FICHA DE HARD & RAND

O grupo praticante da roubaheira mantém ativi-

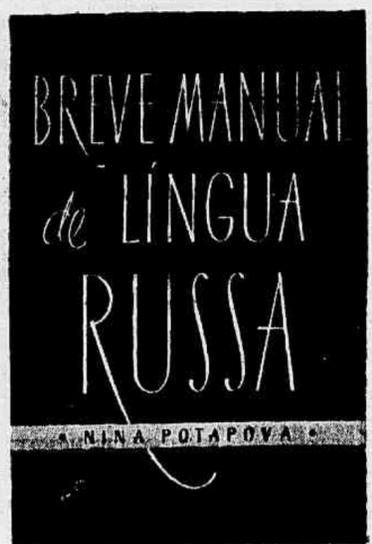
dades no Brasil através de duas firmas, ambas localizadas a rua Frei Coimber, número 8, em Santos, Estado de São Paulo: Hard, Rand and Company (fundada em 1922, a cujo «representante geral» é o sr. Francisco Ferreira) e Hard, Rand Exportadora Importadora Limitada (fundada em 1957, com capital nominal de trinta milhões de cruzeiros). As duas companhias dedicam-se à exportação de café, e a última é ligada também às seguintes companhias: Inversões Comerciais S.A., de Panamá; Sociedade Exportadora Fercas Limitada e Sociedade Exportadora e Importadora «Citoma» Limitada, esta também participante da emissão fraudulenta de cambiais. Como acionista de Hard, Rand Exportadora Importadora Limitada figura também um senhor Joseph B. S. Johnson Junior.

Na contabilidade de Hard, Rand and Company está registrado, no ano de 1958, um prejuízo de mais de cinco milhões de cruzeiros. As duas subsidiárias da extinta Hard & Rand Inc. exportam café, violando as normas legais e incorrendo em fraudes que redundam na sangria econômica do país, há mais de dez anos. É desconhecido o montante do café que exportaram, mas, segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Café, ainda em resposta ao requerimento de informações do deputado José Silveira, somente no ano de 1961 embarcaram 410.939 sacas, o que representa mais de dezotto milhões de dólares, podendo-se aferir daí uma idéia das suas negociatas e fraudes ainda não descobertas.

ROCHA MENDES NÃO É CANDIDATO DOS COMUNISTAS

Comunicam-nos de São Paulo que o deputado José da Rocha Mendes Filho não é candidato dos comunistas à eleição e nem está recebendo o apoio dos comunistas. Não possui, por isso, nenhuma autorização para apresentar-se em nome dos comunistas. Sua candidatura é divisionista e prejudicial à eleição de uma forte bancada realmente representativa dos trabalhadores, pois vem contribuindo para confundir o eleitorado e dispersar forças.

Breve Manual de Língua Russa



Nina Potapova

Edição em Moscou Para brasileiros e portugueses

Um manual que serve também para o estudo do russo SEM MESTRE

Encadernado e ilustrado.

400 páginas

Preço: Cr\$ 600,00

Pedidos a

Editorial Vitória Limitada

Rua Juan Pablo Duarte 50 - sobrado
Caixa Postal 165 — Telefone 22-1613
Rio de Janeiro — Estado da Guanabara

Atende-se pelo reembolso postal

Gangsterismo Político

PRESSÃO E CHANTAGEM, ARMAS DOS TRUSTES

ORGIA FINANCEIRA ÀS VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES

PISTOLEIROS «DOUtrinAM» ATÉ NAS SACRISTIAS



JURACI E GORDON SE ENTENDEM

Na Conferência Sobre Tensões no Hemisfério — convocada para exaltar a Aliança para o Progresso — se entendem, entre sorrisos e em nome da democracia, Juraci Magalhães, o Embaixador Ianque Gordon, o entreguista-mor Roberto Campos e o entreguista-mirim Alberício Fraga, presidente da UDN baiana. Entendimento significa apoio. E para Juraci não falta o apoio de Gordon.

NOVOS RUMOS

Brizola: o que querem é entregar o povo à reação e aos trustes.

ESTES FINANCIAM O COMUNISMO NO BRASIL

As firmas relacionadas abaixo contribuíram fartamente para a causa comunista no Brasil. Todas elas, anunciando no jornal comunista «Última Hora», confirmam a sociedade e que afirmamos no nosso suplemento do mês de fevereiro «As Classes Produtoras diante do Comunismo». Recomendamos a leitura de matéria com o mesmo título, que vai publicada na página seguinte.

- A relação que se segue refere-se à inserção de anúncios médios e grandes, feita no jornal comunista durante o mês de abril:
- 1 — DECASA (*)
 - 2 — CASA NENO
 - 3 — ERNANI LIMA E SILVA e JODORA RIO
 - 4 — MAGAZINE MESBLA
 - 5 — CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ
 - 6 — ÓTICA FLUMINENSE
 - 7 — INDÚSTRIA BRASILEIRA DE FELXE
 - 8 — CASA MASSON
 - 9 — VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S. A.
 - 10 — COMA — CIA. MINERVA DE ALIMENTAÇÃO
 - 11 — CASA GARSON
 - 12 — CIA. CERVEJARIA BRAHMA
 - 13 — FIRESTONE
 - 14 — GÁVEA S. A.
 - 15 — RECREIO DOS BANDEIRANTES IMOBILIÁRIA S. A.
 - 16 — QUATRO RODAS — REVISTA BRASILEIRA DE AUTOMÓVEIS
 - 17 — CASA TAVARES
 - 18 — CENTAS DE NATAL AMARAL S. A.
 - 19 — A EXPOSIÇÃO (*)
 - 20 — DRÁGO
 - 21 — CASSIO MUNIZ
 - 22 — A ESPLANADA
 - 23 — PONTO FRIJO
 - 24 — BARRI
 - 25 — MUNDO DAS LOUCAS
 - 26 — CASA JOSE SILVA
 - 27 — COBRAS
 - 28 — LEO D'AMERICA
 - 29 — DISTRIBUIDORA BRASILEIRA DE MOTONETAS S. A.
 - 30 — NESTLE
 - 31 — BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S. A.
 - 32 — CRAI
 - 33 — CASAS OLGA
 - 34 — JOALHERIAS OURO FINO — H. STERN
 - 35 — ESPERANÇA DE BARROS COSTA & CIA.
 - 36 — VIACAO COMETA
 - 37 — VOLKSWAGEN DO BRASIL S. A.
 - 38 — OVOMALTINE
 - 39 — REI DA VOZ
 - 40 — CIPAN
 - 41 — CIA. DE CIMENTO PORTLAND BARROSO
 - 42 — DUCAL
 - 43 — BEMOL
 - 44 — SERVIÇOS AERÉOS CRUZEIRO DO SUL
 - 45 — CLIMAX
 - 46 — COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL

(*) Estas firmas pertencem ao «Estranho Grupo da Ducal».

INTIMIDAM PELA CHANTAGEM

A acreditar no IBAD, empresas como Volkswagen, Firestone, Nestlé, Mesbla, Souza Cruz, dentre 48 dos maiores empreendimentos industriais e comerciais do país «dominam o campo no Brasil». De posse desta relação, as «senhoras» dou-

trínadas pelos pistoleiros do MAC vão, de empresa em empresa, fazendo toda sorte de ameaças. Tudo em nome da democracia e da eleição de «democratas» como Juraci e Danilo Nunes.

No dia 18 de agosto de 1960, pouco menos de dois meses antes das eleições, o marechal Teixeira Lott, então candidato à Presidência da República, reuniu a imprensa numa entrevista coletiva para fazer graves denúncias sobre a intervenção do chamado poder econômico no processo eleitoral. Depois de oferecer uma série de dados que comprovavam a existência de uma desenfreada orgia financeira na luta pela conquista de postos eletivos, fazia o marechal Lott uma dramática advertência: «A livre vontade do povo poderá resultar viciada pela influência do poder econômico». E foi, em muitos casos, realmente o que se deu. No Rio, por exemplo, a vitória do sr. Carlos Lacerda por uma diferença de pouco mais de 20 mil votos sobre o deputado Sérgio Magalhães, foi uma vitória sob-

retudo do poder econômico. As somas fabulosas pagas em programas de rádio e TV, o suborno de políticos corruptos, a custódia dos jornais, a cobertura jornalística, tudo isso foi feito como denunciavam as firmas nacionalistas, com recursos provenientes dos grupos econômicos mais poderosos, dos pobres inimigos de nós e do povo. Os fatos posteriores confirmaram essas denúncias: Dario de Almeida Magalhães, advogado da Light, foi nomeado presidente do Banco do Estado da Guanabara (depois de já ter sido o seu filho, Rafael, nomeado Secretário do governo) e os tubarões exportadores de café tiveram perdoadas a dívida de 6 bilhões de cruzeiros que tinham para com o Estado. Compromissos desse tipo têm que ser cumpridos. Naturalmente, seria ingênuo pensar-se que o po-

Pressão

Logo após a posse do presidente João Goulart, num encontro do Chefe de Estado com os representantes das classes conservadoras — a nata do entreguismo e da reação — o chefe do CONCLAP, sr. Bhering de Matos, declarou que os seus parceiros consideravam perfeitamente justa sua intervenção no pleito eleitoral como financiadores de campanhas e candidatas de sua confiança. Adiantou, segundo o noticiário dos mais insuspeitos jornais, que o CONCLAP já contava com uma «caixinha» de centenas de milhões de cruzeiros para serem gastos nas próximas eleições a fim de «salvar a democracia». É claro que daí para cá muitas outras centenas de milhões de cruzeiros — e muitos dólares, naturalmente — já entraram na «caixinha». Só que agora não é apenas o CONCLAP que atua. Surgiram novos órgãos e novos instrumentos de ação: O IPES, a IBAD, a Ação Democráti-

ca Parlamentar, a Aliança Eleitoral pela Família, etc. Ligado a todos eles, e com tarefas específicas, o MAC. Não pode surpreender, portanto, que sejam precisamente os candidatos de confiança das ditas «classes produtoras» os que possam confeccionar e distribuir à vontade materiais caríssimos de propaganda (os cartazes de Juraci, os painéis-gigante de Amaral Neto, etc.), nem que eles estejam praticamente monopolizando os programas pagos de televisão, embora uma estação como a TV-Rio, por exemplo, cobre os programas políticos à razão de 30 mil cruzeiros o minuto. Anotem quantas vezes por semana aparecem diante das câmeras Juraci Magalhães, Danilo Nunes, Amaral Neto, Mendes de Moraes e outros «salvadores da democracia» e façam o cálculo das fortunas gastas com a sua propaganda. Não pode também surpreender que um entreguista como Sebastião Pais de Almeida, litera lanque da indústria de vidro plano, tenha reservado 200 milhões de cruzeiros para «ascurar» — isto é, comprar — sua eleição para a Câmara Federal. Ou que, no Estado do Rio, um outro «salvador da democracia», o milionário corretor de imóveis Emanuel Weissmann, esteja pronto a gastar 100 milhões de cruzeiros para o «sacrifício», em nome da liberdade, de ocupar uma cadeira no Palácio do Congresso, em Brasília. O suborno, nessas eleições, assumiu uma amplitude como jamais se viu em nosso país.

Chantagem

A pressão econômica reveste também o caráter aberto de chantagem. Aqui tem um lugar especial a pressão junto a certos jornais cujas posições não coincidem, ou não coincidem, em certos aspectos, com a política de alienação da dependência nacional e de sistemática boicote a qualquer reforma da estrutura econômica-social do país. O mecanismo da chantagem é o seguinte: o MAC, o IBAD e outros veículos do terror ideológico desencadeiam furiosas campanhas contra os jornais visados, acusando-os de comunistas. Diante dessa campanha, as empresas da publicidade (norte-americanas, em sua quase totalidade) e a própria Embaixada dos EUA «fazem ver» que se o jornal insistir nessa orientação os seus clientes e amigos não poderão manter as contas de publicidade. A ó não seatham, pois, que os diretores «têm um jeito», mudando a linha seguida e demitindo os profissionais mais «perigosos».

Da Condessa Pereira Carneiro, defendendo determinados interesses — em alguns aspectos, progressistas — vinha, por exemplo, apoiando a ampliação de nossas políticas exterior e atacando o anticomunismo furioso — em nome, é verdade, de uma pretensa «conciliação de classes». Para o MAC e o IBAD, entretanto, isso é o mesmo que defender o «comunismo internacional». Dirigiram-se então as baterias contra o «Jornal do Brasil»: enquanto o Cardeal Jaime Câmara ameaçava a Condessa diplomáticamente, de retirar-lhe a comenda papal, o órgão do IBAD (julho de 1962), que tem como um de seus conselheiros o fósil Eugênio Gudin, chegava a afirmar: «O Jornal do Brasil» de hoje defende as causas soviéticas. E o seu diretor, sr. Nascimento Brito, apontado como «agitador comunista». Durante algum tempo, o JB resistiu à pressão. Mas, a partir das últimas semanas, em vez de denunciá-la à Nação, como honradamente devia ter feito, o «Jornal do Brasil», revelando a pusilanidade dos setores por cujos interesses se bate, capitulou da forma mais vergonhosa. Hoje, de Lacerda quem dá a linha no JB. Apenas para ilustrar, veja-se a extraordinária semelhança entre o editorial de «O Globo» do dia 20 e o do «Jornal do Brasil» do dia 21: ambos a favor da espolição imperialista em nosso país, repetidos os mesmíssimos «argumentos» e até as mesmas frases. Só não sabemos se um e outro mereceram a mesma recompensa.

Terror

Em relação a «Última Hora», a ofensiva foi mais violenta. A revista do IBAD não só chama de «bolchevista» o jornal do sr. Samuel Wainer, mas chega ao cúmulo de denunciar como «contribuintes da causa comunista» todas as empresas que fazem publicidade através daquele diário. Entre essas empresas estão inclusive grandes investimentos estrangeiros como a Volkswagen, Nestlé, Firestone, Souza Cruz, etc. Esse tipo de chantagem está sendo feito também, como denunciou o deputado Eloy Dutra, pela Liga Eleitoral pela Família: grupos de mulheres do «society» vão de empresa em empresa fazendo toda sorte de ameaças. Tam-

em anexos de igrejas, percozem o comércio na mais odiosa «cruzada» antidemocrática, e inclusive se colocam nas portas dos templos católicos para fazer a mais pífida e intolerante campanha eleitoral de candidato como Juraci, Mendes Cortes e Amaral Neto — isto é, uma campanha contra o povo, contra o Brasil. Teve, nesse sentido, a maior repercussão a entrevista do deputado Eloy Dutra, em que o candidato do PTB a vice-governador da Guanabara denunciava fatos irrefutáveis como a realização de reuniões terroristas na Igreja de N.S. da Paz, reunião nas quais as «senhoras» eram incitadas a ação antidemocrática por conhecidos fanáticos do anticomunismo como os generais reformados Inácio Rollim e Mendonça Molina e o capitão-médico Ramos Viana — este, conhecido pela circunstância de ter chefiado o assalto à mão armada ao XXV Congresso da UNE. Como conciliar a piedade cristã dessas senhoras com o ódio e o fanatismo de um pistoleiro de tal espécie? Esse descabido não é um sinal de força, mas de desespero. Os entreguistas e reacionários se vêem obrigados a agir de forma ostensiva, desmascarando-se diante da opinião pública. Tomados pela história, arriscam até mesmo o prestígio de que destruída a Igreja em certas camadas da população. Por que agem desta maneira? Fazem-no porque têm consciência de que a imensa maioria do povo brasileiro repele a espolição imperialista, exige que melhorem as suas condições de vida e sejam respeitados e ampliados os direitos democráticos e, por isso, quer levar para os governos e o parlamento homens que se identifiquem com os seus anseios e reivindicações. É isso seria fatal para eles.

Vargas: Não Querem Que o Povo Seja Independente

Trecho da Carta-Testamento de Getúlio Vargas: «A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso; Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização de nossas riquezas através da Petrobrás, mas com esta a função de uma onda de agitação se evoluiu. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente».